



Aprender a ser Professor

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2ºciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação física nos Ensinos Básicos e Secundários ao abrigo do decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o decreto de lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro.

Orientador: Dr. Tiago Manuel Tavares Sousa

Hugo Tiago Magalhães Garcês

Porto, Setembro de 2013

Ficha de Catalogação

Garcês, H. (2013) *Aprender a ser Professor. Relatório de Estágio Profissional*. Porto: H. Garcês. Relatório de Estágio Profissional de Mestrado em Ensino de Educação física nos Ensinos Básicos e Secundários, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, INDISCIPLINA, REFLEXIVIDADE.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador, Tiago Sousa, pela dedicação, disponibilidade ao longo deste estágio, e em que muito contribuiu para me ajudar a tornar um profissional mais competente.

Ao professor cooperante, Carlos Moreira, pela partilha de conhecimentos, apoio e disponibilidade, por me ter ajudado a concluir este caminho.

Aos meus colegas de grupo de estágio, Francisco e Marco, pelo apoio, ajuda mas também pelos momentos de partilha durante todo o ano.

Aos meus pais pelo esforço realizado, para que eu tivesse todas as condições para concluir esta etapa.

À Escola Secundária de Joaquim de Araújo por me ter recebido neste ano tão importante.

A minha namorada pela paciência e pela pessoa fantástica que é!

A todos um muito OBRIGADO!

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	III
ÍNDICE GERAL.....	V
Resumo.....	VII
ABSTRACT	IX
LISTA DE ABREVIATURAS	XI
1. INTRODUÇÃO.....	3
2. DIMENSÃO PESSOAL	7
2.1 EXPETATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO PROFISSIONAL.....	10
3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA.....	15
3.1 CONTEXTO LEGAL E INSTITUCIONAL	15
3.2 CONTEXTO FUNCIONAL.....	16
3.2.1 A Escola.....	16
3.2.2 O grupo de educação física e o núcleo de estágio	18
3.2.3 A Turma	19
4. Realização da Prática	25
4.1 ÁREA 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE ENSINO E DA APRENDIZAGEM	25
4.1.1. Conceção de ensino	25
4.1.2 O Planeamento	27
4.1.2.1 Primeiras impressões dos alunos.....	29
4.1.2.2 Elaboração das unidades didáticas processo trabalhoso mas enriquecedor	31
4.1.2.3 Planos de aula.....	32
4.1.3 A Realização	34
4.1.3.1 Dificuldade em controlar a turma.....	34
4.1.3.2 Estudo Investigação-Ação: “ <i>Contributo dos aspetos organizacionais da aula como forma de melhorar os comportamentos da turma na aula de Educação física</i> ”	41
4.1.3.3 Gestão do tempo ... uma mais-valia.....	57
4.1.3.4 Comunicação.....	58

4.1.3.5 Competição, nas modalidades desportivas coletivas... conquista do seu equilíbrio.....	62
4.1.3.6 Experiências no ensino das modalidades.....	63
4.1.3.7 Modelo de ensino privilegiado: Modelo de Instrução Direta.....	68
4.1.4 Avaliação	71
4.2 ÁREA 2 E 3 – “PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE”	76
4.2.1 <i>Compal –Air 3x3</i>	76
4.2.2 Corrida Solidária	78
4.2.3 Corta-Mato.....	78
4.2.4 Desporto Escolar	80
4.2.4.1– Orientação.....	80
4.2.4.2 - <i>Goalbool</i>	82
4.2.5 Feira da Primavera.....	82
4.2.6 Futsal Feminino	83
4.2.7 <i>Jogos Tradicionais</i>	85
4.2.8 Visita de estudo – “DiverLanhoso”	86
4.2.9 Torneio do final do Ano.....	87
4.3 ÁREA 4 – “DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL”	88
5. CONCLUSÃO	93
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

Resumo

O relatório de estágio foi elaborado no âmbito da unidade curricular Estágio Profissional, do segundo ciclo de estudos, conducente ao grau Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O estágio profissional permite ao estudante-estagiário uma grande oportunidade de desenvolver na prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo da formação académica. O relatório é constituído por diferentes capítulos em que se procura descrever as aprendizagens desenvolvidas neste ano de estágio. No primeiro capítulo começa-se pelo enquadramento biográfico e este refere-se ao percurso académico e desportivo e a forma como contribuíram para a formação como professor. Neste ponto estão presentes as expectativas em relação ao estágio profissional realçando o facto de estas foram superadas ou não. No enquadramento conceptual, analisa-se o contexto legal, funcional e conceptual do estágio profissional, fazendo referência à realidade encontrada. O cérebro deste estágio profissional foi a realização da prática profissional pois aqui menciona-se toda atuação do professor, refletindo-se sobre os problemas encontrados, as dificuldades, estratégias, avaliação, bem como todo o trabalho desenvolvido pelo professor. Ao longo do estágio profissional foi desenvolvido um estudo de investigação-ação *“Contributo dos aspetos organizacionais da aula como forma de melhorar os comportamentos da turma nas aulas de educação física”* em que o objetivo passava por identificar e analisar os problemas comportamentais da turma. Desta forma, pretendia desenvolver diferentes estratégias didáticas-pedagógicas tendo em perspetiva uma alteração de comportamento dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, EDUCAÇÃO FÍSICA, PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, INDISCIPLINA, REFLEXIVIDADE

ABSTRACT

This report is part of the Professional Training of the second cycle of studies leading to the Master degree in Teaching Physical Education at Primary and Secondary School. The teacher training allows the student to has great opportunity to develop practice concerning all the knowledge that was acquired during the academic studies. The report consists in different chapters that attempt to describe the learning process during the year.

The first chapter starts with my biography concerning to my academic and sports experience and in which way they contributed to my formation as a teacher. I also report my expectations regarding the practicum, highlighting the fact if those were exceeded or not. In the conceptual framework, I analyze the legal, functional and professional context of the teacher training, relating it to the reality that I have found. The core of this practicum was the awareness of the professional practice itself, mentioning the teacher's performance, reflecting on the problems that were found, difficulties, strategies, evaluation, and all the work done by the pre-service teacher.

During the teacher training I developed an action research study called "Contribution of organizational aspects of the class in order to improve the behavior in the classroom". Its objective was to identify and analyze the behavioral problems of the class. Thus, I intended to develop different teaching and pedagogical strategies, bearing in mind a change in students' behavior.

KEY WORDS: PRACTICUM TRAINING; PHYSICAL EDUCATION; TEACHING-LEARNING PROCESS, INDISCIPLINE; REFLEXIVITY

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Avaliação Diagnóstica

AF – Avaliação Formativa

AS – Avaliação Sumativa

EF – Educação Física

EP – Estágio Profissional

ESJA – Escola Secundária de Joaquim de Araújo

FADEUP – Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

FB – Feedback

MEC – Modelo de Estrutura e Conhecimento

PA – Planeamento anual

UD – Unidade Didática

1.Introdução

1. INTRODUÇÃO

O presente documento foi elaborado no âmbito da unidade curricular do estágio profissional (EP), no 2º ciclo de estudos, conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

O EP ocorreu na Escola Secundária de Joaquim de Araújo, situada na cidade de Penafiel, distrito do Porto, num núcleo de estágio constituído por 3 elementos. O acompanhamento do presente estágio foi supervisionado por um professor cooperante e orientador. O professor cooperante sendo ele o titular da turma, ao longo do ano cedeu a sua turma de modo a realizar o meu estágio. Assim sendo, tinha a meu cargo todo o processo ensino-aprendizagem dessa mesma turma, como o planeamento, realização e avaliação da turma. Estes processos foram sempre supervisionados pelo professor cooperante e acompanhados pelo professor orientador.

O relatório apresentado está organizado em cinco capítulos. O primeiro está designado a introdução, onde realizo uma súmula de como será todo este documento. O segundo capítulo está destinado à *“Dimensão Pessoal”* onde descrevo de forma sucinta o meu percurso, fazendo referência à minha formação académica e desportiva, o porquê de querer ser professor de educação física, assim como, às expetativas que inicialmente tinha idealizado neste desafio.

O terceiro capítulo está destinado ao *“Enquadramento da Prática”*, onde caraterizo o contexto do local de estágio. Abordando o contexto legal, institucional e funcional. No contexto funcional, enquadro a escola, o grupo de educação física, o núcleo de estágio e por fim a minha turma, onde realizo uma caracterização dos alunos.

O quarto capítulo faz referência à *“Realização da Prática”* que visa transmitir a minha intervenção enquanto professor estagiário, onde reflito sobre tudo o que foi importante no meu crescimento. Seguindo o documento orientador do estágio profissional: Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e

da Aprendizagem”, Área 2 e 3 – “Participação na Escola e relações com a comunidade”, Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”.

Na área 1 destaco o estudo de investigação ação desenvolvido ao longo deste ano de estágio, *“Contributo dos aspetos organizacionais da aula como forma de melhorar os comportamentos da turma na aula de educação física”* para além de todo o processo de conceção, planeamento, realização e avaliação do processo ensino aprendizagem.

Em relação à área 2 e 3, apresento todas as atividades desenvolvidas pelo grupo de educação física, fazendo também referência à minha participação no desporto escolar. Todas estas atividades foram importantes para o meu crescimento e relacionamento na comunidade escolar.

Na área 4, menciono a importância e contribuição deste ano de estágio para o meu desenvolvimento como futuro docente.

Finalmente no último capítulo, “conclusão”, faço um balanço deste meu ano na escola como futuro docente e o seu importante contributo na minha formação

2.DIMENSÃO PESSOAL

2.DIMENSÃO PESSOAL

Ao longo do meu caminho, as experiências vividas fizeram com que me tornasse a pessoa que sou hoje. Sendo elas boas ou más, foram sempre partilhadas com amigos que acompanharam e me indicaram o caminho certo.

Eu era um jovem, como muitos outros, que não tinha os pés bem assentes no chão e ainda não pensava no futuro, nem o que gostaria de ser profissionalmente. Um certo dia, eu e os meus amigos estávamos a falar do que gostaríamos de ser no futuro e, sendo eu o único do grupo que praticava desporto, disse que o meu sonho era ser jogador de futebol, e um deles questionou-me: “e se não conseguires ser isso, o que gostavas de ser?” e eu muito rápido respondi: “professor de educação física”. Até este dia, nunca tinha pensado em o ser, foi aqui o clique para o início de um sonho, o de exercer esta profissão. A partir deste momento, o meu trajeto focava-se cada vez mais neste grande objetivo que estabeleci para a minha vida. O “bichinho” e a curiosidade foram crescendo e a admiração pelos professores de educação física foi sendo cada vez maior.

O gosto pelo desporto era enorme. Desde a minha infância estive ligado ao desporto, começando a praticar natação, ao princípio por lazer mas ao fim de 3 anos integrei-me numa equipa de polo aquático. No entanto, esta participação a nível competitivo durou apenas um ano porque, como também jogava futebol federado, optei por me dedicar apenas a esta modalidade. Nesta modalidade passei por todos os escalões de formação mas, nunca tive a oportunidade de fazer parte de uma equipa profissional de futebol, que era um dos sonhos que desde muito cedo me acompanhou. Cada ano que passava sentia que não seria fácil ser jogador de futebol, por isso comecei a perceber que tinha de tomar outro rumo a nível profissional, e esse caminho era ser professor de educação física.

A verdade é que nunca ninguém me incentivou a praticar desporto, eu é que tomei a iniciativa de o fazer. A minha vocação para a prática desportiva sempre esteve presente na minha vida, nunca sendo um grande atleta, mas

sim um entusiasta praticante e um fascinado pelo desporto, um exemplo disso é que tenho como hábito, no verão, andar de bicicleta durante horas. Por vezes sou confrontado por pessoas que me questionam sobre o porquê de o fazer durante toda a tarde, eu apenas digo que é pelo prazer e satisfação que sinto ao pedalar observando tudo o que me rodeia.

Na minha família nunca existiu grandes exemplos de desportistas, os meus exemplos foram sempre os professores de educação física, principalmente, o meu professor do 6ºano, que me marcou imenso, visto que mantinha uma relação fantástica com a turma e a sua forma de ser era formidável, de tal forma que muitas das vezes realizava aula connosco. Este professor estava sempre muito próximo dos alunos, demonstrava ser conhecedor do que estava a fazer, realizando sempre aulas motivantes e desafiantes, relembro que no início de muitas aulas propunha algo, traçava um objetivo que teríamos de atingir nessa aula. Agora percebo o que ele pretendia, desta forma conseguia motivar-nos para darmos o máximo de nós em todas as tarefas. O seu papel com os alunos que tinham dificuldades e desistiam facilmente era extraordinário, o professor insistia com estes, ajudando-os a atingir o objetivo, ultrapassando por vezes o que parecia ser os seus limites.

Este professor transmitia uma energia e alegria enorme, era um professor que gostava daquilo que fazia e a sua boa disposição fazia com que os alunos ficassem motivados para as suas aulas. Eu como professor sempre pensei ser desta forma contagiando os meus alunos como fui contagiado. Para que todos os meus alunos gostassem de realizar aulas de educação física, e aprender todas as matérias de uma forma entusiasta.

Mais tarde, no 9ºano, tive outro professor que me marcou e fez com que gostasse ainda mais da área desportiva, sendo que este teve um papel fundamental porque me cativou a participar no desporto escolar, na modalidade de *badminton*. Neste ano passei momentos bastantes agradáveis, por isso, cada vez mais tinha a certeza de que queria estar ligado ao desporto e principalmente como professor de educação física, para além de querer também ser jogador de futebol. Este desejo, o de ser jogador de futebol, não dependia só do meu esforço e dedicação daí que pudesse não se concretizar,

mas por outro lado, o sonho e ambição de ser professor de educação física, estaria ao meu alcance, porque dependia somente do meu esforço e dedicação para o conseguir. Por isso, dediquei-me para conseguir esse feito, no entanto, logo no ano seguinte tive uma desilusão, porque passei para a Escola Secundária de Lousada, mas nesta escola não existia o curso de desporto, logo aí fiquei desiludido. Visto não ter essa escolha, optei por ingressar no curso de Ciências e Tecnologias.

Esta altura foi fundamental no meu percurso, pois, desde logo me preocupei em saber quais as instituições superiores existentes para entrar numa faculdade de desporto. Junto dos meus professores de educação física procurei saber mais detalhes, todos eles me indicavam a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e daí advém que a minha formação superior passou por esta instituição, na qual adquiri o grau de licenciado em Ciências do Desporto.

A minha intenção sempre passou por ingressar nesta faculdade, principalmente porque todos a referenciavam como “a melhor”, mas sempre fazendo referência e alertando-me para o facto de que esta não seria uma profissão fácil. Lembro-me, de a minha professora do 12ºano, numa aula, ter desabafado que não estava contente com a sua profissão, e que, se pudesse voltar atrás, tinha optado por um outro curso sem ser o de professora de educação física, e sendo assim, disse-me para eu pensar bem, se era esta profissão que eu queria para mim. Mesmo assim nunca tive dúvidas, e a minha intenção era mesmo tirar o curso de educação física, e nem pensava em outra opção para além dessa. Por isso, continuei o meu caminho e a minha formação académica, confiante em alcançar o meu objetivo.

Ao longo da minha formação académica fui adquirindo saberes, que hoje suportam o meu reportório de conhecimentos, os quais considero que foram muito enriquecedores para a minha formação como futuro educador. Tive a oportunidade de vivenciar momentos de aprendizagem com diversos profissionais, em diferentes áreas, por isso, todo este conjunto de aprendizagens passaram por momentos de discussão e reflexão sobre algo, o que originou um alargamento dos meus conhecimentos, e que me permitiu

evoluir. Sem dúvida que todos os professores contribuíram para a minha formação, de tal forma que tentei aproveitar o melhor de cada um deles e aplicar durante todo o meu percurso.

Concluída uma etapa do meu percurso, a licenciatura, optei por me inscrever em mestrado, porque, para mim, não fazia sentido apenas ficar por aqui, pois considerava que ainda necessitava de mais competências e conhecimentos. Ainda tinha muito para aprender, neste mundo de ensinar, por isso ter ingressado no mestrado de ensino, procurando adquirir o maior conhecimento possível, de forma a colmatar dificuldades que possuía.

2.1 EXPETATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO PROFISSIONAL

No início do ano deparei-me com um novo desafio, e sendo este o último da etapa na minha formação inicial como professor de educação física. Era ano de estágio profissional, onde teria a oportunidade de sentir a responsabilidade de ter uma turma a meu encargo, e de poder partilhar todos os conhecimentos adquiridos até então, ou seja, ia passar da teoria para a prática.

Sabendo que ia ser um ano de muito trabalho e de dedicação, estava preparado para assumir as dificuldades de modo a me tornar um professor ainda melhor, seria um ano de aprendizagem onde apreenderia com os meus próprios erros, todos estes erros foram essenciais para o meu crescimento, pois com estes pude refletir e discutir sobre determinados problemas existentes.

As expetativas eram muitas. Estava consciente das minhas tarefas e que iria ter muito trabalho na preparação de uma unidade temática. Na fase inicial, a elaboração de todos os meios envolventes, como por exemplo os planos de aula foi um campo em que senti dificuldades, por isso, este foi um momento, na qual existiu da minha parte um grande investimento, agora já sou mais capaz e autónomo nas suas preparações.

No início do ano estava ansioso e também receoso por este desafio, principalmente pela reação dos alunos ao se depararem com o facto de terem um professor estagiário. Em contrapartida, sentia-me confiante e com vontade de o agarrar, porque tinha experiência como treinador de futebol e, apesar de

ser uma realidade diferente, a função também é ensinar, o que poderia trazer benefícios para mim e para a escola e, devido a isso os meus índices de confiança eram maiores para encarar este desafio.

Com o passar do tempo, e com o aumento de aulas dadas, a experiência como treinador revelou-se importante, principalmente no momento de aula propriamente dita, quando tinha de adaptar um exercício, pois não me “agarrava” ao que tinha planeado inicialmente e rapidamente conseguia propor um novo exercício, sem que os alunos dessem por isso.

Estava convicto que poderia contar com ajuda do meu professor cooperante, do professor orientador e também a dos meus colegas de estágio, o que mais tarde se confirmou. Sempre que foi necessário usufruí da ajuda destes intervenientes, sendo determinantes na minha condução para ultrapassar as dificuldades que encontrei ao longo do estágio.

As minhas expetativas em relação à escola Secundária de Joaquim de Araújo (ESJA) eram poucas, visto que, o meu conhecimento sobre a mesma era escasso. O motivo que me levou a optar por esta escola foi o facto de ser a escola mais próxima da minha residência, desde logo fiquei satisfeito, mesmo não conhecendo a realidade da escola.

No entanto, a partir do primeiro contato com a escola deparei-me que tinha sido uma boa escolha, tendo em consideração o professor cooperante e o grupo do corpo docente de educação física, os quais, foram muito recetivos e demonstraram-se disponíveis para nos ajudar na integração na escola.

Era um ano no qual teria muitas responsabilidades, daí estar um pouco ansioso sobre aquilo que me ia acontecer, no entanto estava preparado para dar o meu melhor, para superar as minhas dificuldades, mostrando-me sempre disponível em dar resposta aos desafios e problemas encontrados neste percurso.

No que toca ao professor cooperante, esperava ao máximo aproveitar a sua experiência e conhecimentos, sempre me orientou e demonstrou disponibilidade para me ajudar. Deu-me confiança e espaço para errar, transmitindo-me que, através da reflexão sobre o erro se aprende. Tenho a denotar a presença e ajuda do professor cooperante sempre que necessitei.

Esperava um acompanhamento contínuo por parte do professor orientador, no qual, este fosse o regulador do meu percurso, o que se verificou, sendo exigente, de modo colmatar as minhas dificuldades relacionadas com a prática do ensino, e a arte de ensinar. A sua disponibilidade e ajuda foram permanentes em tudo o que necessitava.

Como esta turma era numerosa e os alunos irrequietos, logo de início, esperava algumas dificuldades para estabelecer o controlo. Tinha a consciência que não seria uma tarefa fácil, mas, mesmo assim, pensei que era um campo onde me ia sentir confortável, mas o que sucedeu foi o contrário, porque tive mais dificuldades do que esperava, isto, em relação ao controlo da turma. Demorei mais tempo que inicialmente tinha idealizado para conseguir o controlo da turma, pois as dificuldades foram sendo ultrapassadas com algumas medidas que fui implementando na turma, como por exemplo uma melhor organização da aula, dos exercícios e dos alunos, para os alunos estarem o mais tempo possível empenhados. Uma outra forma que me ajudou a ultrapassar as dificuldades foi ouvir os conselhos dos meus colegas de estágio, pois por vezes refletíamos em conjunto os problemas uns dos outros de forma a partilharmos ideias, onde supostamente surgia uma futura estratégia.

Conhecendo os colegas do grupo de estágio, houve, como eu previa, uma grande amizade, companheirismo e entreajuda de forma a ultrapassarmos as dificuldades que fomos encontrando ao longo deste ano.

O estágio proporcionou-me a oportunidade de demonstrar os conhecimentos e competências adquiridas ao longo da minha formação, por isso, quantas mais dificuldades encontrei neste trajeto, melhores foram as competências desenvolvidas para conseguir obter respostas, e isso ajudou a que eu seja um melhor professor no futuro.

3.ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA

3. ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA

3.1 CONTEXTO LEGAL E INSTITUCIONAL

O Estágio Profissional (EP) estrutura-se na junção de várias exigências, sendo assim, esta unidade curricular deve ser guiada por normas nomeadamente legais para que exista uma coerência de critérios entre todos os envolvidos neste processo. Portanto, no que diz respeito à legislação, o formato do Estágio Profissional elaborado de modo a funcionar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) no presente ano letivo, 2012/2013, considera os princípios decorrentes das orientações legais nomeadamente as constantes do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro que se reporta ao grau de mestre e à obtenção de habilitação profissional para a docência.

O EP é uma unidade curricular do segundo ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física da FADEUP e decorre nos terceiro e quarto semestres do ciclo de estudos.

No regulamento da unidade curricular do Estágio Profissional, está definido os seus princípios, como as atribuições correspondentes ao professor orientador ao professor cooperante e ao estagiário.

O estudante estagiário tem a seu cargo, a condução plena do processo de ensino/aprendizagem de uma turma do ensino básico ou secundário no entanto, o professor titular dessa turma é o professor cooperante. Sendo assim, todo processo de conceção, planeamento e realização é supervisionado por este e pelo professor orientador da faculdade. O estágio é realizado de uma forma semiautónoma mas sempre com uma partilha de conhecimentos de um professor com qualificações de excelência.

Segundo Matos (2012)¹, o estudante estagiário ao longo do estágio profissional potencia o desenvolvimento das variadas competências

¹ Matos (2012) corresponde ao documento “Normas Orientadoras do Estágio Profissional” elaborado pela Doutora Zélia Matos. Documento interno da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Não editado.

profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão, por isso ao longo deste ano o estudante-estagiário apura competências nas seguintes áreas de desempenho:

Área 1 – “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”

Áreas 2 e 3 – “Participação na Escola e Relações com a Comunidade”

Área 4 – “Desenvolvimento Profissional”

O desenvolvimento destas áreas é importante para a evolução das competências de um futuro professor, pois este terá de inseri-las na sua vida profissional. Sendo o último ano de formação antes de entrar para a docência o estagiário necessita de uma ótima preparação, daí ter que adquirir conhecimentos e desenvolver determinadas competências nestas áreas. Pois desta forma abarcaram todos as experiências vividas nestas 4 áreas que foram vivenciadas ao longo do ano de estágio, na qual conhece de uma forma direta o contexto de escola na qual esta inserido.

3.2 CONTEXTO FUNCIONAL

3.2.1 A Escola

Para a realização de uma atividade como a de ser professor, é necessário o conhecimento sobre a realidade em que o estudante estagiário vai ser inserido.

Por isso, cabe ao estagiário procurar os documentos disponibilizados pela escola, conhecendo o meio na qual se vai integrar. Sendo o professor estagiário inexperiente, é extremamente importante realizar uma análise, para conhecer toda a realidade existente, desde as suas normas e regras, bem como toda a comunidade escolar.

O local onde realizei o estágio foi na Escola Secundária de Joaquim de Araújo (ESJA), situada na cidade de Penafiel, esta escola pertence ao Agrupamento de Escolas de Penafiel sul.

A ESJA é uma escola pública do Ensino Secundário com 3º ciclo do Ensino Básico que serve a população estudantil da cidade de Penafiel.

Fica situada a sudoeste da cidade de Penafiel, distrito do Porto, destinando-se essencialmente a fornecer uma resposta educativa de nível Secundário predominantemente aos alunos oriundos das freguesias do sul do concelho e, em simultâneo, a dar uma resposta a nível do 3.º Ciclo do Ensino Básico que seja alternativa à procura dos Agrupamentos de Escolas da zona sul do concelho (Penafiel Sul, Paços de Sousa, Pinheiro e Cabeça Santa). Localizada contiguamente à zona industrial n.º 1 da cidade, dá resposta a uma população maioritariamente de freguesias com uma componente rural acentuada, pequena indústria e pequeno comércio.

De uma forma global caracteriza-se a população pela pouca capacidade económica, por possuir hábitos culturais muito limitados, pela tradição rural e pela pouca disponibilidade e capacidade de acompanhamento da vida escolar dos filhos.

O nível de escolarização da população é muito baixo e as profissões caracterizam-se pelo elevado número de mulheres que executam as tarefas domésticas e de homens que exercem profissões de baixas qualificações.

A oferta formativa da escola para os jovens é a seguinte, cursos profissionais e do Curso de Educação e Formação tipo 3, o que permite colocar o abandono escolar no 3.º ciclo em valores muito baixos e diminuí-la de forma muito acentuada no ensino secundário, o mesmo acontece em relação ao insucesso escolar tanto no ensino básico quanto no secundário.

Um dos fatores que evidencia esta escola de outras do concelho, é que recebe alunos com necessidades educativas especiais, sendo a escola secundária de referência na região para alunos invisuais ou com baixa visão.

A escola oferece, a nível de instalações desportivas para a prática das aulas de educação física, um pavilhão Gimnodesportivo com dois espaços distintos e um campo exterior com piso em relvado sintético, com uma pequena pista de atletismo. Ainda no pavilhão Gimnodesportivo existe uma sala de professores e também uma sala de aula com capacidade de 30 alunos. O grupo de educação física utiliza o sistema de *roulement* em que existe uma rotatividade dos espaços que a escola disponibiliza, por isso, um professor tem direito a um determinado espaço durante duas semanas consecutivas. Os

espaços disponíveis são: um pavilhão, um ginásio, um campo sintético exterior e um espaço exterior ao lado do pavilhão gimnodesportivo com uma pista de velocidade. Normalmente, existiam quatro turmas a lecionar aulas de educação física ao mesmo tempo. A escola proporciona condições de trabalho aceitáveis de modo a que seja assegurada uma boa prática de lecionação de diversas modalidades desportivas, mas, no entanto, apresenta algumas lacunas como por exemplo, a caixa de areia que se encontra ao abandono.

No pavilhão o professor pode lecionar essencialmente as seguintes modalidades: andebol, basquetebol, voleibol, *badminton* e patinagem, com a minha turma apenas usufrui este espaço para lecionar as modalidades de andebol, basquetebol, *badminton* e patinagem. No campo exterior permite ao professor abordar as modalidades de futebol, atletismo, basquetebol e andebol, em que nas minhas aulas utilizei essencialmente nas modalidades de futebol, atletismo e andebol. Num outro espaço como o ginásio aborda-se a ginástica, atletismo e dança, nas minhas aulas apenas utilizei para a modalidade de ginástica. Por último, temos o espaço à volta do pavilhão em que podemos lecionar modalidades como atletismo e orientação, nas minhas aulas utilizei este espaço para a modalidade de atletismo, no entanto é de referir que este espaço apresenta limitações para a lecionação de outras modalidades em que por vezes condiciona o planeamento que o professor estipulado. Em relação aos materiais desportivos para as aulas de educação física, é de realçar que era bom, pois a escola dispunha de grande oferta para as diferentes modalidades em número suficiente.

3.2.2 O grupo de educação física e o núcleo de estágio

O corpo docente efetivo do grupo de educação física era composto por 7 professores, acrescentando os 3 estudantes estagiários.

Desde o início do ano que todos os professores deste grupo se demonstraram disponíveis para nos ajudar em tudo o que fosse necessário e o que estivesse ao seu alcance, sendo os intervenientes responsáveis para uma boa integração na comunidade escolar.

Sendo este, um ano fundamental para o estudante estagiário, em que procura o seu desenvolvimento profissional nesta área, e que também marca o desenvolvimento do espírito de grupo e a colaboração no trabalho em equipa, é necessário que todos procurem dar o seu melhor, para que os alunos tenham oportunidades de participar em várias atividades de qualidade na prática desportiva.

Em relação ao núcleo de estágio, este era constituído por 3 elementos sendo que todos entraram na sua primeira opção de escolha do local de estágio. Cada estagiário ficou responsável por lecionar uma turma durante este ano letivo, contando com a supervisão e colaboração diária do professor cooperante e sob a orientação do professor orientador.

Em relação ao grupo de estágio, o fato de termos sido da mesma turma na faculdade e habituados a trabalhar juntos, fez com que existisse uma maior entreajuda entre nós, originando uma cumplicidade ao longo de todo o ano letivo. Trabalhamos em grupo de uma forma civilizada. Como exemplo disso temos o grupo de educação física, que respeitava todas as ideias propostas dos elementos do grupo para trabalharmos em conjunto de forma a oferecer aos alunos diversas atividades desportivas ao longo do ano.

3.2.3 A Turma

A turma que me foi atribuída para a realização do estágio pertence ao 8º ano de escolaridade da escola já referida. Ao longo do presente ano letivo tive a responsabilidade de orientar o processo de ensino/aprendizagem desta turma.

Uma turma numerosa com 27 alunos, sendo distribuída por 14 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. É uma turma em que existe alguns alunos que, ao longo do seu percurso já tiveram retenções, no qual três deles já reprovaram no 7ºano, dois no 2ºano e um no 1º ano de escolaridade.

É de realçar que tinha uma aluna com necessidades educativas especiais (NEE), a qual era a única com atestado médico onde foi diagnosticada uma patologia osteoarticular. Esta aluna estava limitada pois não

podia realizar movimentos que exercesse muita força na zona lombar, como exemplo nos rolamentos à frente ou atrás e saltos no minitrampolim na ginástica. Mesmo assim esta aluna demonstrou-se interessada nas aulas de educação física e tentou desde sempre superar as suas dificuldades. Necessitou de uma atenção redobrada, em que por vezes tinha de adaptar os exercícios às suas necessidades. Para além desta aluna, tinha na turma um aluno hiperativo, que apresentou ser um aluno com falta de concentração e empenho nas atividades. Também possuía um aluno que lhe foi diagnosticado dislexia, mas que não foi necessário ter um cuidado especial durante as aulas de educação física.

Na recolha de dados, tive acesso a algumas informações pessoais dos alunos, constatando que 14 deles elegem a educação física como sendo uma das disciplinas preferidas. Por isso, tinha como responsabilidade manter esta preferência dos alunos, por esta disciplina.

Em relação ao nível da prática desportiva, fora da escola, constatei que é reduzida visto que apenas 6 alunos praticam de forma regular alguma modalidade. Sendo que 4 deles jogam futebol em equipas federadas e um pratica natação e outra ginástica.

A turma encontra-se numa faixa etária importante pois a maioria dos alunos estão no período da puberdade, por isso o seu corpo esta a modificar-se, na qual ocorrem diversas mudanças morfológicas e fisiológicas, pois estas mudanças podem interferir nas capacidades de desempenho dos alunos. Os alunos que se encontram mais avançados na sua fase de maturação, apresentam um desenvolvimento mais evidente nas capacidades motoras.

Um aspeto essencial para melhor entendermos o ambiente familiar é o conhecimento das habilitações literárias dos seus pais, sendo que pode ser um indicador de todo o acompanhamento que um aluno possui em casa. Na minha opinião quanto maior for o grau académico dos pais, à partida o aluno terá um melhor acompanhamento em casa, ou pelo menos têm mais capacidades para ajudar os seus filhos. Foi possível verificar que existe uma grande variabilidade, havendo pais com grau académico superior (Licenciados) e outros com grau académico mais baixo (2ºano de escolaridade).

Um outro dado relacionado com o seio familiar é que quase todos os alunos vivem com os pais e irmãos, e que apenas uma aluna vive com a avó e o padrinho. O papel de encarregado de educação é na maioria desempenhado pela mãe dos alunos. Verifiquei que na minha turma de 27 elementos, 15 alunos possuem apenas 1 irmão, 9 alunos tem 2 irmãos, 1 aluno tem 4 irmãos e apenas dois alunos não têm irmãos.

Ao nível do aproveitamento escolar, a turma apresentava resultados pouco satisfatórios, isto é, tendo em consideração as capacidades de alguns dos alunos, os seus resultados ficam aquém do esperado.

Sendo uma turma numerosa, e de uma forma generalizada bastante faladora e irrequieta, por vezes, o bom comportamento ficava comprometido devido a atitudes de alguns alunos, que destabilizavam as aulas alterando o bom funcionamento da mesma.

4.Realização da Prática

4. Realização da Prática

4.1 ÁREA 1 – ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE ENSINO E DA APRENDIZAGEM

4.1.1. Concepção de ensino

Entende-se por concepção toda a preparação teórica envolvida no EP. A minha preparação neste campo começou bem antes do início do ano letivo, onde tive o cuidado de relembrar algumas matérias que tinha abordado em anos anteriores, como por exemplo todas as didáticas e em especial a cadeira de desenvolvimento curricular, onde abordamos os programas nacionais de EF.

A análise dos programas nacionais era necessária para ter uma boa base do planeamento. “Todo o projeto de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na concepção e conteúdo dos programas ou normas programáticas de ensino, nomeadamente na concepção de formação geral, de desenvolvimento multilateral da personalidade e no grau de cientificidade e relevância pratico-social do ensino” (Bento, 1987, p.9). Portanto, antes de iniciar o meu ano letivo, já tinha chegado a algumas ilações, entre as quais, a existência de diferentes realidades na escola e que nem sempre os níveis propostos pelos programas estão adequados às possibilidades motoras dos nossos alunos. Por isso, tinha de ter a capacidade de ajustar os conteúdos, para proporcionar aos alunos um ensino adequado perante as suas capacidades e dificuldades. Também um outro aspeto era sobre o tempo disponível para lecionar os conteúdos propostos pelos programas curriculares de EF, em que por vezes o tempo destinado é reduzido, perante as dificuldades apresentadas pelos alunos.

A concepção é extremamente importante, pois permite fazer uma análise dos documentos principais como: o programa nacional de educação física, o projeto educativo da escola, o regulamento interno da escola e o plano anual

de atividades do grupo de educação física. Esta análise foi essencial para adquirir um maior conhecimento e contribuir para uma melhor organização e gestão de ensino aprendizagem.

Uma preocupação e também um objetivo era conhecer toda a realidade onde fui inserido. Neste campo tinha a necessidade de recolher todas as informações acerca da localização da escola e o seu meio envolvente, como também as características dos alunos que a frequentam.

Um bom mediador nesta fase inicial foi o professor cooperante, sendo este quem me orientou e seguiu de perto a minha participação na escola, por isso, o seu acompanhamento foi importante. Desde logo procurei recolher toda a informação em relação à escola, porque nunca tinha estado em contacto com esta e portanto a minha informação sobre a mesma era praticamente nula.

No meu primeiro dia na escola, o professor cooperante, disponibilizou-se de imediato para me mostrar (juntamente com colegas de estágio) todas as divisões da escola, principalmente as instalações desportivas. Aqui, ia falando de uma forma superficial sobre as lacunas e limitações dos espaços existentes, para o ensino da prática desportiva, dando-nos dicas para uma boa utilização dos espaços disponíveis para a realização das aulas de EF e ia realçando alguns materiais que a escola possuía.

Todas estas informações foram essenciais para eu conhecer melhor o meu local de estágio, a Escola Secundária de Joaquim de Araújo (ESJA). Por isso, toda esta informação e documentação que foi devidamente analisada foram importantes para conseguir uma intervenção contextualizada.

Nesta fase inicial partilhei com o núcleo de estágio o facto de começarem a surgir incertezas, ansiedade e nervosismo. Começava a pensar se realmente estava preparado para encarar este novo desafio com a devida responsabilidade e sucesso. Para mim, a partilha das sensações com o núcleo de estágio foi importante, pois ajudou-me a perceber melhor todo o processo de iniciação do presente ano letivo e que era normal o nervosismo.

O ensino da educação física é muito mais do que ensinar capacidades e habilidades motoras, tenho a plena consciência que o professor deve ter noção disso mesmo, por isso, ao longo do ano tinha de ser capaz de lidar com

diversas situações, que porventura podiam surgir inesperadamente, portanto, tinha de ter a capacidade de dar uma boa resposta a todas as situações provocadas pelos alunos, sendo estas relacionadas com matérias abordadas ou assuntos relacionados com o quotidiano, isto porque, a EF para além dos benefícios físicos/motores proporciona também aos alunos, um desenvolvimento dos seus valores, das suas habilidades sociais e psicológicas.

4.1.2 O Planeamento

A planificação é fundamental para o professor regular e orientar o seu processo de ensino, no entanto, considero que seja uma tarefa em que os professores iniciantes apresentam algumas dificuldades, tendo em conta a sua complexidade ao nível de organização, sistematização e seleção das matérias. Também se torna complexo pois é imperativo existir uma interligação entre os programas de EF, a turma em questão e o *roulement*. Por isso é que “a planificação é o elo de ligação entre as pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respetivas disciplinas, e a sua realização prática.” (Bento, 2003, p.15)

A planificação orienta-se para a aprendizagem no sentido em que é fundamental ensinar com eficácia, pois só assim os alunos adquirirem conhecimentos e capacidades e, para isto, o professor tem de ensinar o essencial, aproveitando todo o tempo disponível.

Segundo Bento, (2003) o professor tem participação determinante na planificação do processo de educação, visto que assegura a passagem do nível de planificação para o nível de preparação.

Depois de ter participado na reunião do grupo de EF do agrupamento de escolas de Joaquim de Araújo, em que o tema fulcral era decidir as modalidades para cada ano de ensino e também definir a carga horária para cada modalidade, já me foi possível começar a preparar o meu ano letivo, em que iria ter como turma do 8º ano.

Nesta altura tive conhecimento das modalidades a abordar ao longo do ano, sendo elas: andebol, atletismo, ginástica de aparelhos, *badminton*, patinagem e outras modalidades, em que nesta última, o professor de cada

turma tinha liberdade de a escolher. A minha escolha recaiu em modalidades coletivas como o futebol, e o basquetebol. Esta escolha deu-se pelo facto de apenas ter sido escolhida uma modalidade de jogos desportivos coletivos pelo grupo de EF, para o 8ºano de escolaridade.

É de realçar que o grupo de EF definiu aquando da elaboração do projeto curricular de EF do 3º ciclo, a abordagem de diferentes modalidades ao longo deste ciclo, de modo a que, todos os alunos desfrutassem de uma variedade de modalidades. No entanto, existia em anos diferentes a mesma modalidade com é o caso da patinagem, sendo esta uma modalidade com grande foco na escola devido ao desporto escolar, em que muitos alunos participam. A ideia era proporcionar aos alunos o maior contacto possível com as diferentes modalidades.

A partir do momento em que soube qual era a minha turma e as modalidades que iria abordar e toda a dinâmica que o grupo de educação física implementou, como o *roulement*, sabendo os espaços de aula que tinha ao meu dispor e os materiais para lecionar, logo, estavam reunidas as condições para começar a planear todo o ano letivo.

Numa primeira parte, tinha de realizar o planeamento anual (PA) segundo o Modelo de Estrutura e Conhecimento de Vickers (1990). O documento foi elaborado em conjunto com os meus colegas de estágio. A elaboração do documento foi uma tarefa bastante complexa, o que à partida não o parecia ser.

Começaram a surgir algumas dificuldades, principalmente na articulação das disciplinas a abordar e os espaços disponíveis para o efeito.

A tarefa mais complicada no PA foi distribuir o número de carga horária das modalidades perante os espaços disponíveis, ou seja, estávamos condicionados consoante as normas do *roulement*. Este documento era composto por quatro espaços de aula (pavilhão, ginásio, exterior1, exterior2), portanto estavam em simultâneo quatro professores a lecionar aula. Cada professor usufruía de um determinado espaço durante duas semanas consecutivas e ao fim destas existia uma rotação. Na minha opinião o espaço designado como exterior 2 era limitado devido as suas condições, com por

exemplo, as dimensões do espaço, considero que deveria haver uma melhor organização e que não seria necessário a utilização deste espaço se algumas das aulas de educação física fossem da parte de tarde, visto que apresentava uma menor carga de horário, se assim fosse os professores tinham mais condições ao nível de espaços para abordar as suas modalidades.

A forma que encontrei para existir um planeamento lógico, perante os espaços disponíveis na abordagem das modalidades em cada período foi a seguinte: no primeiro período, para além dos testes *Fitnessgram*, foram abordadas as modalidades de atletismo, ginástica de aparelhos (boque) e basquetebol, no segundo período foram: andebol, ginástica de aparelhos (minitrampolim) e patinagem, por fim, no último período foram: *badminton*, ginástica de aparelhos (minitrampolim), e futebol.

Em cada período tentei sempre abordar modalidades coletivas e individuais, aumentando a motivação dos alunos, pois ao realizar a caracterização da turma verifiquei que os alunos na sua grande percentagem gostam de modalidades coletivas.

4.1.2.1 Primeiras impressões dos alunos

Considerando que as primeiras impressões em relação aos alunos são importantes, pretendia nos primeiros contatos com os alunos delinear ideais sobre os mesmos. Para isso, recolhi informação de cada um deles de forma a ter um conhecimento alargado das suas características, visto que quanto mais informação tiver sobre eles, melhor será a minha intervenção. Portanto, junto do diretor de turma, tentei recolher o maior conhecimento possível em relação aos alunos, de modo a complementar o que já continha.

Nesta fase, o professor cooperante também ajudou com algumas informações relevantes sobre determinados alunos. Naquele momento todas as informações eram importantes para que a minha intervenção fosse mais segura e eficiente perante os alunos.

Com a informação que possuía em mãos, pude concluir que a turma era de extremos, havia alunos que obtinham ótimos resultados, e com bons indicadores de aprendizagem nas diversas disciplinas, e outros apresentavam

dificuldades. Para além, da turma ser numerosa havia um grupo de alunos que prejudicavam o bom funcionamento das aulas devido aos seus comportamentos não apropriados, em que por vezes originavam atos de indisciplina. No entanto, um outro grupo sendo estes alunos interessados e empenhados eram barulhentos, faladores e brincalhões. Desde o início tive a sensação que a minha tarefa não seria nada fácil, mas também não estava à espera de facilidades.

Sendo eu da área do treino, e com alguns anos de experiência a lidar com jovens adolescentes, sentia-me confiante para enfrentar esta turma e dar continuidade ao meu caminho.

Começando a lecionar as aulas, tentando partilhar conhecimentos e conteúdos com os alunos, deparo-me com o facto de que a minha tarefa era ainda mais complicada do que imaginava, por isso, fui perdendo o entusiasmo e a confiança com que iniciei este percurso.

Após o primeiro impacto, tive de encontrar estratégias para combater a desordem e tentar alcançar com sucesso o controlo da turma, para que estes alunos tivessem a oportunidade de aprender, visto que são estes os elementos fundamentais no ato educacional. Neste momento comecei a deparar-me com a realidade que tinha a meu cargo, certamente sendo este um problema que muitos dos professores encontram nas suas salas de aula.

Começava a preocupação com o planeamento das minhas aulas, e devido ao seu ritmo inicial, provavelmente dificilmente ia cumprir com o sucesso os objetivos que me propunha em cada aula. Por isso, as informações acerca dos alunos eram importantes, para que eu conseguisse uma boa adaptação na forma como estruturava e proponha os exercícios aos alunos.

A função do professor passa também por saber procurar as respostas aos seus problemas, por isso, rapidamente tive de adaptar os meus planos de aula para aumentar o empenho motor dos alunos. Portanto, todas as informações retiradas foram de grande relevância, pois o aluno é o centro do processo de ensino aprendizagem, e por isso, tudo que fazemos é para aumentar a sua qualidade de aprendizagem.

4.1.2.2 Elaboração das unidades didáticas processo trabalhoso mas enriquecedor

Um dos focos essenciais para o meu crescimento como professor foi o desenvolvimento das unidades didáticas (UD) das modalidades abordadas, a sua preparação antes de serem lecionadas foi um grande contributo para atingir um melhor processo de ensino aprendizagem. A elaboração deste documento foi segundo a orientação de Vickers (1990) que é composto por 8 módulos.

Considero a elaboração deste documento importante para o meu crescimento como professor, porque desta forma adquiri conhecimentos e competências que foram essenciais no ato de lecionar uma modalidade em questão.

No início do ano letivo, tive muitas dificuldades em elaborar as primeiras UD, visto que em alguns módulos eram muito extensas ao nível do conteúdo e que muita da informação que o documento continha não tinha utilidade para as aulas. Posto isto, e depois de refletir com o professor orientador, comecei por ser mais sucinto na elaboração do documento procurando apenas escrever o essencial para lecionar nas aulas.

O objetivo deste documento era, que ao longo da unidade didática o professor recorresse a esta ferramenta quando assim o entendesse, para tal era necessário que fosse um documento acessível com informação essencial e objetiva.

Os módulos na qual tive mais dificuldades em elaborar foram o módulo 1 e o módulo 7. Na construção do módulo 1 as dificuldades iniciais foram em selecionar a matéria essencial, visto que nesta parte tinha muita informação desnecessária para as matérias abordadas da modalidade em questão. Devido a isso quando necessitava de consultar o documento tornava-se massudo devido ao seu tamanho. Portanto, o objetivo era tornar esta ferramenta o mais acessível possível aquando da sua consulta.

Em relação ao módulo 7 a dificuldade foi em elaborar as progressões de ensino, porque tinha de construir exercícios que correspondessem aos objetivos, que fossem possíveis de realizar nas minhas aulas e também motivantes para os alunos, e às vezes estes tinham de ser modificadas. Desde sempre tentei colocar nos plano de aula os exercícios de forma clara, para me ajudar a alcançar uma boa organização na aula.

4.1.2.3 Planos de aula

É uma ferramenta essencial para todas as aulas. O professor antes de entrar na aula necessita de uma realização prévia da mesma, devido a isso, é necessário a elaboração do plano de aula. Aqui, projetamos a forma como a aula vai decorrer, a sua organização, estrutura, a escolha da matéria, e os objetivos a serem desenvolvidos.

“Toda a aula deve ater-se a uma ordem sensata, ditada pelos objetivos. Se não se atribuir a este aspeto valor algum, então o processo de ensino na aula decorre sem direção, sem objetivos, sem resultados - para o professor e alunos” (Bento, 1987, p.124). Na minha opinião, o autor faz referência para se obter sucesso numa aula, é necessário ser bem organizada e ser orientada pelos objetivos traçados para que seja possível alcançar os resultados pretendidos no fim da mesma. Por isso, a organização da aula tinha de ser bem pensada e refletida, e os objetivos claros.

Este foi um documento que inicialmente a sua realização me ocupava muito tempo, “perdendo” tardes a debruçar-me sobre a realização deste, com o objetivo de proporcionar aos alunos um bom momento de aprendizagem.

Inicialmente, era uma tarefa difícil porque exigia um conhecimento de todas as variáveis existentes e seus intervenientes, era complicado realizar uma lógica de evolução, consoantes as suas três fases da aula (parte inicial, fundamental, e final).

Surgiram dúvidas, principalmente nas descrições dos objetivos comportamentais do exercício. Esta dúvida era transversal a todos os elementos do núcleo de estágio portanto, refletimos sobre o assunto e o professor forneceu dicas sobre como escrever o objetivo comportamental. Sem

dúvida que foi um aspeto importante o que posteriormente nos permitiu conseguir descrever os objetivos comportamentais de uma melhor forma e a partir daqui interligá-los com as componentes. Este foi um dos conteúdos em que mais evoluí. Permitiu-me realizar o plano em menos tempo, em relação ao tempo que demorava ao início.

A primeira conclusão que obtive ao fim da elaboração dos primeiros planos de aula, foi que colocava um número excessivo de exercícios para desenvolver, e por isso, posteriormente comecei a elaborar planos com um menor número de exercícios.

A minha preocupação inicial em relação aos planos de aula recaía na escolha dos exercícios e por vezes esquecia-me da sua organização, o que prejudicava as minhas aulas e a minha prestação como professor.

Após perceber que a organização da aula era fundamental para um bom desenvolvimento da mesma, comecei por dedicar mais tempo à sua organização. Este foi um aspeto importante para tentar eliminar os problemas de indisciplina e o mau comportamento dos alunos.

De seguida, comecei a pensar como diminuir os tempos mortos, visto que os alunos começavam a dispersar e a ter comportamentos inadequados.

Para combater isto, ao elaborar um exercício pensava logo no seguinte, pois pretendia aproveitar os mesmos espaços e os mesmos grupos de trabalho, assim, já conseguia que as transições fossem mais rápidas e como tal os alunos não tinham tempo para se dispersarem, e desta forma aumentava o ritmo da aula.

Um outro problema era a seleção dos exercícios. Desde o início comecei por procurar e elaborar exercícios que fossem motivantes, dinâmicos e lúdicos e, que acima de tudo, promovessem aprendizagem. Este foi um grande desafio para mim, visto que muitos dos exercícios que propunha ao início não resultavam, porque ainda não tinha a turma completamente controlada. Um exemplo é que ao implementar exercícios que tivessem competição, tinha o problema de os alunos “chocarem” uns com os outros. Com isto, verifiquei que os alunos ainda não eram responsáveis e tive de optar por exercícios que me permitissem um maior controlo da turma, para evitar consequências graves de

indisciplina. Quando comecei a ter um maior controlo sobre a turma e sobre dois alunos que criavam os principais problemas de indisciplina e senti que já eram capazes de ser responsáveis, é que comecei a introduzir exercícios mais competitivos.

Depois de os alunos perceberem muitos dos procedimentos das minhas aulas e de eu corrigir alguns dos problemas aqui identificados, as aulas começaram a ser mais fáceis de planear e de se consumir. Eu ia conhecendo cada vez melhor os alunos e eles a minha postura perante a aula, reconhecendo e começando a distinguir quando podiam realizar determinadas “brincadeiras” e quando era para trabalhar a sério.

Um momento importante de reflexão foi que o plano de aula servia essencialmente de guião durante a mesma. Nunca me foquei em cumpri-lo à risca. Quando verificava que um exercício não estava a resultar como pretendia e a dinâmica não era a ideal para um bom funcionamento, a primeira coisa a fazer era alterar o exercício ou propondo outro com os mesmos objetivos, ou mesmo passar para o seguinte. Na minha opinião a experiência que tenho como treinador sobressaiu aqui, pois facilmente me adaptava às situações em que fosse necessário fazer modificações.

4.1.3 A Realização

4.1.3.1 Dificuldade em controlar a turma

Começando uma nova etapa e como futuro docente, estava ansioso por conhecer a minha turma. Esta seria o cérebro de todas as minhas decisões, e consoante os obstáculos encontrados, sabia que ia crescer como Professor.

Ao conhecer a minha turma deparei-me com esta é constituída por 27 alunos, considerando desde logo um número elevado, pois uma das minhas tarefas seria alcançar o bom controlo da turma. Sabendo que desde o primeiro contacto com a turma o meu grande obstáculo seria conseguir um bom controlo desta, pois logo na aula de apresentação verifiquei que os alunos eram bastantes barulhentos e irrequietos. Por isso, no final da aula a minha preocupação foi sobre o meu primeiro pensamento que foi o seguinte:

“(...)de que forma vou criar rotinas e estratégias para conseguir um bom controlo da turma?”

(Diário de bordo- 19 de setembro de 2012)

A partir deste momento, tive a necessidade de definir regras e começar a impor rotinas para depois começar a implementar estratégias, para conseguir o controlo da turma.

As regras definidas inicialmente foram as seguintes: “cinco minutos após o toque para estar no espaço de aula, devidamente equipados; todos os alunos com cabelo comprido, têm de o amarrar; proibido realizar aula de brincos, pulseiras, relógio ou outros objetos que coloquem em perigo a integridade física dos alunos; respeitar o professor, colegas e funcionários”.

As rotinas implementadas foram as seguintes: ao início da aula todos os alunos sentados à frente do professor; em caso de atraso, cada minuto atrasado os alunos correm uma volta no espaço da aula; quando o professor chamar ou mandar parar algum exercício os alunos tem 5 segundos para se sentar a sua frente “sentados e calados”, quem não cumprir realiza 10 flexões de braços. No final da aula dois alunos ficam responsáveis por arrumar o material. No entanto, algumas medidas aplicadas reportam-se para o trabalho físico, não querendo eu passar a ideia que este trabalho físico era mau, mas sim responsabilizar os alunos pelos seus atos e, como tal o castigo era fazer com que eles realizassem uma tarefa que não gostassem de realizar. Uma das vantagens desta medida é que os alunos iam desenvolvendo a sua condição física.

Na realidade, começava a sentir que as regras e rotinas aplicadas eram insuficientes para conseguir um bom controlo da turma, portanto, colocava em causa o bom funcionamento das aulas e o seu processo de ensino aprendizagem.

Como professor estagiário comecei a sentir um choque, porque não era nada disto que estava a espera de encontrar. As diferentes cadeiras que tive na faculdade pouco ou nada me tinham preparado para resolver estes problemas. Por isso, tinha de arranjar estratégias para ultrapassar este obstáculo, e conseguir o tal desejado controlo da turma. Para isso, as estratégias que mais utilizei para conseguir controlar a turma foram as

seguintes: aproximação aos alunos; a minha postura na aula; cuidado na organização das atividades dos alunos.

Inicialmente, em cada aula que lecionava, estava bem patente que os alunos não tinham capacidade de organização e que demonstravam não respeitar os colegas, regras e rotinas, e tudo isto condicionava e muito a dinâmica das minhas aulas:

“Tive dificuldades em explicar rapidamente, porque os alunos não se calavam. Nesta aula também coloquei muitos alunos sentados de castigo devido ao seu péssimo comportamento. Ao longo da aula reparei que apenas um grupo estava a trabalhar seriamente e a cumprir minimamente o objetivo do exercício.”

(Diário de bordo 12 de Outubro 2012)

Tendo identificado o problema de falta de concentração, empenho e respeito dos alunos, verifiquei, que não estava a conseguir combater este problema através das regras e rotinas aplicadas nem através de castigos, portanto, tinha de optar por outras estratégias. Por isso, comecei a desenvolver momentos de diálogo com os alunos, antes e depois da aula ou mesmo fora da mesma. Desta forma, pretendia conhecer melhor os alunos e consciencializá-los dos seus atos e que supostamente iriam ser prejudiciais no seu desempenho e avaliação ao longo do ano letivo.

Apenas com esta estratégia não consegui resolver o problema de indisciplina e manter a turma controlada, mas foi um começo. Era bem evidente que a turma tinha três a quatro alunos que contribuía para a desordem da aula, por isso, normalmente estes eram os alunos com quem eu dialogava mais tempo. Segundo Januário (1996), o professor no desempenho das suas funções, deve motivar, transformar e acompanhar os alunos, de modo a que as aprendizagens, dos mesmos, sejam significativas. Por isso, pretendia motivar os alunos, mas para isso tinha de perceber o porque de determinadas atitudes, só assim é que conseguia modificar os seus comportamentos ou então perceber porque tinham determinadas atitudes.

Devido aos diálogos que tinha com os alunos, começou a existir uma certa proximidade e estes começavam então a ter algum respeito e ter a

consciência que muitas das atitudes que tinham durante a aula não eram corretas.

Tinha alunos que eram muito impulsivos e reagiam mal a diversas situações, pois o seu temperamento não era o mais indicado, e isso originava desacatos entre os alunos, como podemos verificar:

“(...) neste exercício tive de expulsar um aluno da aula, visto que ofereceu um murro a um colega, sendo tentativa de agressão, de imediato convidei-o a retirar-se da aula.”

(Diário de bordo 24 de outubro 2012)

Esta foi uma das atitudes de indisciplina provocadas pelos alunos durante as aulas, por isso, decidi que quando ocorresse algo do género, no final da aula falava com o aluno e tentava perceber o porquê da sua reação e explicava que um dos objetivos que pretendia para as aulas de educação física era o respeito mútuo entre todos os alunos. Portanto, com os diálogos tentava modificar os comportamentos dos alunos ou pelo menos que não voltassem a repeti-los. Com a estratégia de aproximação aos alunos pretendia promover um clima de maior confiança, e com isto conseguir um maior controlo da turma.

Uma outra estratégia de grande importância foi ouvir os conselhos dos meus colegas de estágio e do professor cooperante em relação à minha postura. Assim, comecei a refletir sobre as críticas e opiniões em relação à minha postura diante determinadas situações da aula e que comecei a aperceber-me que tinha de alterar a minha postura durante as aulas.

Visto que tinha uma postura de um professor “carrancudo”, chato e que passava a vida aos berros, certamente que não era a melhor forma de os alunos alterarem os seus comportamentos. Percebi que tinha de mudar mas sem facilitar as regras já estabelecidas. Sabia que o respeito tinha de ser conquistado e não imposto.

Adotar uma postura autoritária, dando pouco espaço de manobra aos alunos não foi boa ideia, porque quanto mais eles eram confrontados mais problemas causavam durante as aulas. Segundo Onofre (1996, P.92), “a modificação do comportamento inapropriado é mais rápida e consistente quando o professor reage com o aluno em privado, numa relação simultânea de abertura e intransigência.” Por isso, deixei de confrontar os alunos sobre certas atitudes,

fazia de conta que não via e passado alguns minutos chamava esse aluno e falava em privado. Fui percebendo que eles não gostavam de ser confrontados pelo professor diante dos seus colegas de turma. Verifiquei que resultava muito melhor quando falava individualmente com os alunos e, não os reprimindo em frente à turma, como ao início acontecia. Desta forma os alunos eram mais recetivos e aceitavam os conselhos que lhes eram indicados para um comportamento adequado.

Uma outra estratégia aplicada conjuntamente com as anteriores foi sobre organização da atividade dos alunos. A partir de um certo momento comecei a dar grande importância à organização dos exercícios e como eram expostos à turma. Sem dúvida que foi uma mais-valia para diminuir os maus comportamentos dos alunos.

Desenvolvi diferentes estratégias relacionadas com a organização da atividade dos alunos e assim verificava aquela que se adaptava melhor a turma. Esta será desenvolvida mais à frente no estudo de investigação-ação. Neste estudo desenvolvi diferentes estratégias de organização de aulas, entre as quais: a organização em vagas, organização em circuito e organização massiva. Estes foram os tipos de organizações que evidenciei no estudo, de forma a perceber qual a organização que se adapta melhor à turma, e aquela que apresenta melhores resultados em relação a um melhor comportamento dos alunos.

Todas as estratégias desenvolvidas foram importantes porque me permitiram desenvolver uma capacidade de reflexão sobre determinadas situações em momentos concretos e isolados. Todas elas foram fundamentais e úteis para a minha compreensão da turma e intervenção perante a mesma.

Considero que os alunos ao longo do ano tiveram um comportamento oscilante, por vezes era bom e por outras era mau. Fui tentado combater este problema e só no último período é que consegui de uma certa forma manter a turma controlada. No entanto, considero que este desafio provocado pela turma enriqueceu a minha experiência como futuro docente, porque as ilações e reflexões vivenciadas foram momentos altos de aquisição de conhecimentos. Por isso, penso que adquiri uma bagagem de conhecimentos para o futuro.

Reconheço que foi uma tarefa dura e desgastante da minha parte, mas no final do ano foi satisfatório verificar que os alunos adquiriram conhecimentos e regras que foram desenvolvidas ao longo do ano.

4.1.3.2 Estudo Investigação-Ação: “Contributo dos aspetos organizacionais da aula como forma de melhorar os comportamentos da turma na aula de Educação física”

Hugo Garcês

Faculdade de desporto da Universidade do Porto

Resumo

Estrela (1992) refere que, hoje o professor tem de ser, um gestor da sala de aula e um organizador da aprendizagem, porque essa gestão é necessária para prevenir e lidar com situações de indisciplina. O objetivo deste estudo foi perceber qual a melhor estratégia, de organização de aula, a que se adequava melhor a esta turma de forma a manter os alunos mais controlados e disciplinados. Este estudo foi realizado com uma turma do 8ºano, tendo 27 alunos como participantes (14 raparigas e 13 rapazes), é uma turma numerosa e com alunos muito irrequietos, o que por vezes origina comportamentos de indisciplina. O estudo foi realizado durante o 2º Período, em que foi desenvolvido diferentes estratégias de organização de aula, entre elas; organização em circuito, organização em vagas e organização massiva. Na organização em circuito optei, numa delas, em serem os próprios alunos a formar os grupos de trabalho, e outra em que era o professor a formar os grupos de trabalho. O que me foi possível concluir, é que a organização massiva e a organização em circuito, sendo o professor a realizar os grupos de trabalho, permite ter um melhor controlo da turma e assim os atos de indisciplina por parte dos alunos diminuem. Em relação às outras estratégias desenvolvidas, os dados indicam que, nesta turma, essas organizações de aula, não permitem ter um bom controlo da turma e prevenir a indisciplina.

PALAVRAS-CHAVES: EDUCAÇÃO FÍSICA; CONTROLO DA TURMA; INDISCIPLINA; ORGANIZAÇÃO DA AULA; INVESTIGAÇÃO- AÇÃO

Introdução

A indisciplina tem sido atualmente um dos maiores problemas nas escolas. Segundo Estrela (1992) a indisciplina caracteriza-se por uma desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo. Deste modo pretende-se que os alunos tenham comportamentos adequados, nas situações de aprendizagem.

Sendo a indisciplina um problema presente nas escolas, quando o professor se depara com este tipo de comportamento tenta de uma certa forma reduzir ou mesmo eliminar os atos de indisciplina dos alunos. A indisciplina pode estar relacionada devido a diversos fatores como “(...) não respeitar professores e colegas, não cumprir regras pré-estabelecidas, ser mal comportado, malcriado, perturbar o trabalho dos colegas e professores, fazer barulho, não permitir o bom funcionamento da aula, falar o tempo todo, provocar desordens, boicotar as aulas, faltar com pontualidade, rebeldia á autoridade e ofender os colegas e professores” Oliveira (2002, p. 90).

Numa perspetiva de remediação, à partida o castigo pode controlar um comportamento perturbador, mas, por si só, não ensinará o comportamento mais adequado, nem reduz o desejo de se portar mal novamente (Estrela, 2002). O castigo não é por si só uma solução e no caso de ser considerado justo, o castigo só deverá ser aplicável ao ato praticado e não a quem o praticou (Estrela, 2002). Deste, forma é importante para o professor encontra estratégias para diminuir os atos de indisciplina dos alunos, de modo a evitar os castigos.

Segundo Rosado (cit. por Tavares, 2004) a disciplina é não só o resultado da utilização judiciosa de técnicas de modificação comportamental, mas também o resultado de um bom ensino, produto da convergência de fatores variados: dependente de boas relações afetivas existentes, do bom uso da autoridade, de uma boa organização e planificação do curso e organização de aulas interessantes e adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos.

A prevenção de disciplina passa segundo Piéron (cit. por Tavares, 2004), por um conjunto de medidas centralizadas na gestão e controlo dos diferentes momentos da aula. Na mesma linha de pensamento Doyle (cit. por

Tavares, 2004), afirma que a gestão de sala de aula é um processo de resolver o problema da ordem e não propriamente de lidar com maus comportamentos ou com a indisciplina. Desta forma o professor tem de atuar para combater o problema, uma forma de combater pode ser através da organização da aula, de acordo com Rink (1985) os aspetos organizacionais da aula, implementados pelo professor pode ser uma solução para combater a indisciplina. Na qual Rosado (1998) também defende que uma adequada organização da aula, nomeadamente a redução dos tempos de espera e de organização, bem como o aumento do tempo de empenho motor, permitem aumentar as oportunidades de aprendizagem dos alunos e concorrem, favoravelmente, para a minimização dos comportamentos inapropriados.

Seguindo esta perspetiva a organização de aula é um dos parâmetros que pode ajudar o professor a diminuir os atos de indisciplina dos seus alunos. Estrela (1992) vai ao encontro desta perspetiva referindo que, o problema central da indisciplina poderá ser consideravelmente reduzido se ajudarmos os professores a tornarem-se organizadores mais eficazes da aula.

No panorama escolar, Estrela (1992) refere que, hoje o professor tem de ser, um gestor da sala de aula e um organizador da aprendizagem, porque essa gestão é necessária para prevenir e lidar com situações de indisciplina. Por isso, é essencial encontrar o tipo de organização de aula ideal para a turma, de forma a diminuir os problemas de indisciplina e manter a turma motivada e empenhada nas tarefas propostas. De acordo com Mesquita & Graça (2011) é importante assegurar um bom funcionamento do sistema de gestão e cuidar dos problemas de indisciplina e da ordem da aula.

Segundo Quina (2009) existem vários tipos de organização, sendo estes, organização por vagas, organização em circuito, organização massiva, organização em estafetas, organização em percurso e organização por áreas. No seguimento deste autor, todas organizações têm objetivos comuns que são: economizar tempo, garantir a segurança, e facilitar o controlo dos alunos, no entanto, cada uma destas organizações tem características e exigências próprias.

De acordo com Quina (2009) são apresentadas diferentes características nas organizações aplicadas no estudo:

Uma delas será a organização por vagas e neste tipo de organização os alunos estão dispostos em linhas. Todas as linhas realizam os mesmos exercícios umas a seguir às outras. Esta organização também tem a vantagem de proporcionar aos alunos uma exercitação intensa e assim faz com que os alunos se concentrem. Com isto, o professor tem um bom controlo da turma, independentemente do tipo de exercícios e a metodologia utilizada.

Outro tipo de organização é a organização em circuitos, que tem características muito diferentes da anterior em que existe um conjunto de estações onde se realizam determinados exercícios. A turma é dividida em grupos de 4/5 elementos. Cada grupo ocupa uma estação, onde executa, durante um dado tempo, um determinado exercício ou uma sequência de exercícios. Passado o tempo programado, todos os grupos mudam de estação.

Por último, aplicado neste estudo temos a organização massiva que é uma forma de organização em que os alunos, individualmente ou em pequenos grupos, realizam, ao mesmo tempo, os mesmos exercícios. Durante a realização dos exercícios os alunos podem colocar-se no espaço segundo diferentes formações: como por exemplo dispersão ou em pequenos grupos. Tem como principal vantagem o facto de permitir tempos elevados de empenhamento motor a todos os alunos e como inconveniente o facto de requerer muito material da mesma natureza.

O professor (investigador) neste estudo pretende diminuir os atos de indisciplina provocados pelos alunos, através de uma organização de aula adequada à turma, pois este é um dos objetivos deste estudo de investigação-ação, para chegar a determinadas conclusões no sentido de transforma a sua intervenção pedagógica.

Objetivos:

- Identificar e analisar os problemas comportamentais da turma. Construir e aplicar diferentes estratégias didáticas-pedagógicas tendo em perspetiva uma alteração de comportamento dos alunos
- Avaliar o impacto da estratégia encontrada para a melhoria do comportamento da turma em questão.

Metodologia

Neste estudo de investigação-ação o professor aplicou diferentes estratégias de organização de aulas mencionadas anteriormente, e consoante a sua observação e a reação dos alunos apresentou todos os dados relevantes para retirar as ilações que permita ter um melhor controlo da turma. Sendo uma turma bastante numerosa, barulhenta, irrequieta, e assim, verifica-se, bastantes comportamentos inadequados em contexto de aula. Como de acordo com (Estrela, 2002) o uso de castigos não é o mais correto, outras opções tiveram de ser consideradas, sendo a escolhida a aplicação de estratégias organizacionais preventivas. O professor conhecendo a turma em questão deduziu que as melhores estratégias a aplicar seriam organização por vagas, organização em circuitos, e organização massiva. Segundo Quina (2009) cada uma destas tem particularidades mas centram-se em objetivos comuns como: economizar tempo de aula, garantir a segurança durante a execução dos exercícios e facilitar o controlo dos alunos.

Participantes:

Na participação deste estudo, fez parte uma turma do 8ºano de escolaridade da Escola Secundária Joaquim de Araújo. A mesma era composta por 27 alunos, sendo 14 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos.

O professor também participa no estudo pois leciona a turma em causa e vivência diretamente as situações ocorridas, que serão o objeto de estudo.

Desenho de Investigação:

“O processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados de forma neutra” (Bogdan & Biklen, 1999, p.51).

Neste procedimento eram anotados todos os dados que fossem relevantes para entender qual das estratégias era mais eficaz de forma ao professor ter um melhor controlo da turma.

No dia 6 de fevereiro numa aula de ginástica de aparelhos, foi aplicada a estratégia de organização por circuitos, dividida por 4 estações, em que foram os alunos a formar os grupos de trabalho. No dia 20 de fevereiro numa aula de patinagem, foi aplicada a estratégia de organização por circuitos, dividida por 4 estações, e os grupos de trabalho foram formados pelo professor. No dia 22 de fevereiro numa aula de patinagem, aplicou-se a estratégia de organização por vagas. No dia 6 de março numa aula de andebol, desenvolveu-se a estratégia de organização massiva.

As notas de campo foram registadas no final de cada uma destas aulas, e posteriormente desenvolvidas no diário de bordo, para descrever todo o processo relacionado com a operacionalização destas estratégias.

Os instrumentos utilizados foram notas de campo e a observação participante do investigador (professor).

As notas de campo permite ao professor num momento posterior ao acontecido analisar as situações presenciadas. Isto, é importante pois a qualquer momento o professor pode rever as anotações efetuadas. Após o professor presenciar as ações dos alunos, eram registadas pequenas anotações no momento, para garantir a sua precisão, para depois descrevê-las de uma forma mais completa e exaustiva no diário de bordo onde aqui refletia sobre o acontecimento.

Por último, é através da observação participante do investigador, que se pretende captar os comportamentos mais relevantes dos alunos no momento em que eles os produzem.

Análise do conteúdo

Análise de conteúdo qualitativa é um dos vários métodos de pesquisa utilizados para analisar os dados de texto. A pesquisa através da análise de conteúdo qualitativa centra-se nas características da linguagem como comunicação com atenção ao conteúdo ou contextual significado do texto (Hsieh & Shannon 2005). O objetivo da análise de conteúdo é garantir o conhecimento e a compreensão do fenómeno estudado (Hsieh & Shannon 2005).

Segundo Hsieh & Shannon (2005) a análise qualitativa de conteúdo é definida como um método de pesquisa para a interpretação subjetiva do conteúdo de dados de texto por meio do processo de classificação sistemática de codificação e identificar temas ou padrões.

Os dados foram recolhidos durante as aulas do segundo período, em que nestas aulas se aplicaram as diferentes estratégias de organização e se anotaram todos os dados importantes. As estratégias aplicadas são baseadas no estudo de Quina (2009) que faz referência, a várias organizações de atividades dos alunos na aula de educação física, essas organizações são a organização por vagas, organização em circuitos e organização massiva.

Através das notas de campo é possível ter uma análise detalhada do ocorrido durante o tempo de estudo e, é a partir destas que se retiram as informações essenciais para posteriormente se trabalhar a discussão e resultados.

Resultados e discussão

No início do estágio, em concreto nas primeiras aulas, a turma colocava problemas ao professor, sendo esses relacionados com o controlo da turma.

Numa primeira fase, implementou-se na turma um conjunto de regras básicas que estes teriam de cumprir de forma a facilitar o decorrer das aulas e terem uma postura correta na mesma. Com o passar das aulas os seus comportamentos não se alteravam, e assim por negociação, tentou-se que tal

se modifica-se, mas nem através desta os alunos cumpriam as regras estabelecidas nem mudaram o seu comportamento.

Os comportamentos impróprios como “não respeitar os professores e colegas, não cumprir regras pré-estabelecidas, ser mal comportado, malcriado, perturbar o trabalho dos colegas e professores, fazer barulho, não permitir o bom funcionamento da aula, falar o tempo todo, provocar desordens, boicotar as aulas, faltar com pontualidade, rebeldia á autoridade e ofender os colegas e professores” Oliveira (2002, p.90). São estes os comportamentos que se pretende combater e como a primeira estratégia não resultou, optou-se por implementar estratégias de organização de aula.

Verifica-se, que uma boa gestão do tempo e organização de aula permite ao professor ter um melhor controlo sobre os seus alunos, e com isto os alunos têm desempenhos de aprendizagem desejáveis, e uma consequente diminuição dos atos de indisciplina. Posto isto, houve a necessidade de procurar estratégias para ultrapassar esse problema, e assim, obter um bom controlo da turma e proporcionar um ótimo processo de ensino. A tarefa de planejar aulas para 27 alunos, de modo a que eles executassem as atividades sem problemas, não era tarefa fácil. Sendo assim, exigia por parte do professor uma boa organização, para que observasse constantemente todos os alunos envolvidos e, quando avistasse um comportamento fora da tarefa intervir de modo a o eliminar, para que fosse possível um bom funcionamento das aulas. Como era necessário seguir estes procedimentos de forma a conseguir que a turma corresponde-se às expectativas do professor em termos comportamentais, foi uma oportunidade de desenvolver diferentes estratégias e verificar a reação dos alunos. Portanto, as estratégias desenvolvidas e os resultados obtidos foram os seguintes:

Organização por circuito – Estações (os grupos de trabalho são formados pelos alunos).

A organização desta aula foi em 4 estações, era uma aula ginástica de aparelhos. A turma foi dividida em quatro grupos, os alunos tiveram a liberdade de formarem os seus próprios grupos de trabalho. Sabendo que assim eles

tinham possibilidade trabalhar com os colegas na qual se sentiam mais confortáveis.

“(...)foi uma aula na qual me desgastei muito de forma a manter os alunos o máximo de tempo possível empenhados nas suas tarefas. Na minha opinião alguns alunos perturbadores da aula prejudicam muitas vezes o funcionamento normal da mesma. Por isso, algumas vezes nesta aula tive de interromper e mandar todos os alunos sentar para punir alguns alunos que não estavam a realizar a sua tarefa e estavam a perturbar outros colegas que queriam realizar aula (...)” (Aula 6 de fevereiro)

“Na estação onde eu estava presente era notório a aprendizagem motora dos alunos e o seu empenho, nas restantes nem todos os alunos estavam empenhados na tarefa pretendia, tinha dois grupos que realizavam como pretendia e um outro que não.” (Aula 6 de fevereiro)

“Em relação à estratégia de organização de aula por estações, penso ser esta a mais óbvia a desenvolver nas aulas de ginástica, por isso apliquei e verifiquei que muitos alunos tiveram empenhados e dedicados nas suas tarefas, no entanto tenho de diminuir o comportamento inadequado e a falta de empenho de determinados aos alunos, para que a aula decorra com mais fluidez. O que observei foi que a maioria dos alunos estavam empenhos nas tarefas que lhe foram propostas apenas um grupo não estava tão empenhado, só quando eu estava presente na estação onde eles estavam a realizar os exercícios. Por isso, conjuntamente com esta estratégia tenho em futuras aulas criar algo mais, de modo a motivar estes alunos, e enriquecer esta organização de aula.”

(Aula 6 de fevereiro)

Como podemos verificar, a estratégia por estações permite ter, de um certo modo, um bom controlo da turma, mas mesmo assim é insuficiente pois existe um grupo de alunos que a prejudica. No entanto, verifica-se quais são os alunos perturbadores e devido a isso é possível atuar perante estes. Esta organização tem a vantagem de permitir ao professor evitar momentos de distração, ou tempos mortos, porque este tipo de organização segundo Quina (2009). *“(...) 1) é económico quer quanto aos episódios de organização (montadas as condições materiais de prática não é necessário mexer mais*

nelas), quer quanto aos episódios de apresentação dos exercícios (apresentam-se para toda a turma num só episódio); 2) requer relativamente pouco material da mesma espécie; 3) permite um apoio individualizado a cada grupo ou a cada aluno.”

Aspetos importantes: Nesta aula, foram os alunos a realizarem os seus próprios grupos de trabalho, porque, com a experiência de outras aulas, não podemos impor os grupos de trabalho à turma porque os alunos mais inquietos ficam desagradados e prejudicam a aula, por isso, nesta aula tiveram a liberdade de formar os seus próprios grupos.

Organização por circuito – Estações (os grupos de trabalho são formados pelo Professor)

A organização desta aula de patinagem foi em 4 estações. A composição dos grupos de trabalho para esta aula foi sugerida pelo professor. Esta exigência do professor foi definida tendo em consideração que em aulas anteriores os alunos tiveram a oportunidade, de eles mesmo elaborarem os seus próprios grupos, e quando isso acontecia, o professor fazia referência que em aulas futuras é que formaria os grupos e eles tinham de os aceitar.

“Na minha opinião a aula correu bem pelas 4 estações, em que os alunos estiveram empenhados e dedicados a realizar os exercícios propostos. A minha gestão para dar auxílio aos alunos quando estes necessitavam também foi fácil de fazer, visto que, tinha boa visibilidade e dava FB de forma ajudar um determinado aluno. Um dos aspetos em que mais estava concentrado, para além das habilidades técnicas dos alunos, era se estes saíam fora da sua tarefa, verifiquei que isto sucedeu muito poucas vezes. Portanto, na minha observação considero que, para esta turma, esta organização de aula é vantajosa para manter os alunos empenhados e motivados na tarefa.” (Aula 20 de Fevereiro)

“Penso que um dado importante foi ter sido eu a organizar os grupos, e tive o cuidado de não juntar os alunos mais inquietos no mesmo grupo, um outro dado que também considero importante, foi ter aproveitado os alunos com mais capacidades nesta modalidade para ajudar os colegas do seu grupo que

apresentam menos aptidão para a patinagem”

(Aula 20 de Fevereiro)

“Em relação aos grupos de trabalho, referi, que em aulas anteriores, eles é que tinham organizado os seus próprios grupos, por isso hoje fui eu a elaborar os grupos, sendo que eles consideraram justo. A aceitação deles deve-se ao facto de em aulas anteriores ter feito referencia que em futuras aula seria eu a elaborar os grupos.”

(Aula 20 de Fevereiro)

Conjugando esta estratégia com o professor a organizar os grupos, verificou-se nas notas descritas, que se consegue manter a turma mais empenhada e controlada nos exercícios propostos, portanto, através desta organização e com a particularidade de ser o professor a formar os grupos, permite, economizar tempo e ter uma maior facilidade no controlo da turma.

Organização em Vagas

A organização desta aula, sendo esta da modalidade de patinagem, baseou-se na organização por vagas. O professor aplicou esta estratégia, com o intuito de verificar se consegue controlar a turma, e obter um maior desempenho por parte dos alunos.

“O que sucedeu nesta aula com este tipo de organização foi o seguinte: exigiu muita empenho da minha parte para manter os alunos controlados e empenhados, porque tinha momentos de espera na qual os alunos dispersam, mesmo sendo grupos com poucos alunos. Isto devesse aos tempos mortos que a organização proporciona. Em que nestes mesmos momentos os alunos tinham comportamentos não apropriados e não respeitavam as regras, daí ter originado momentos de distração dos alunos, e quando eu queria atenção deles, não conseguia porque eles estavam muito eufóricos, isto é, não se encontravam concentrados, mas sim na brincadeira. Considero que esta organização não seja a mais adequada a aplicar nas minhas aulas, pois, não tive tanto controlo dos alunos (...).”

(Aula 22 de fevereiro)

“(...) a minha turma, não se enquadra para este tipo de organização, daí que não consiga manter os alunos totalmente controlados.”

(Aula 22 de fevereiro)

Verifica-se que este tipo de organização aplicada nesta turma não é vantajosa, porque não é fácil manter a turma controlada e empenhada nas tarefas. Mas, ao contrário do sucedido, uma das vantagens desta organização segundo, Quina (2009) é que proporciona ao professor um bom controlo da turma. O que não se verificou aquando da aplicação nesta turma.

Organização Massiva

A organização desta aula foi através da organização massiva, correspondendo a uma aula de andebol. A elaboração dos grupos de trabalho, para esta aula foi sugerida pelo professor. Para esta organização o professor necessita de espaço adequado de forma a dividir a turma em pequenos grupos, um outro ponto essencial é que os alunos não saem do seu grupo de trabalho, para isso o professor tem de aproveitar muito bem o espaço de modo a evitar que os grupos fiquem muito perto uns dos outros.

“(...) desta forma, consigo um melhor controlo e não existe aquela pausa em que os alunos se juntam e distraem, e comecem com brincadeiras. Penso que desta forma ganho mais tempo útil na aula e os alunos estão mais concentrados na minha informação.”

(Aula 6 de Março)

“(...) penso que é uma boa estratégia, e tenho de aplicar nas próximas aulas sempre que seja possível. Na qual a atenção dos alunos aumenta e também não existe tempo de distração por parte dos alunos.”

(Aula 6 de Março)

De acordo as notas recolhidas esta organização permite ao professor ter a seguinte prestação *“(...) ia passando por cada grupo e demonstrava como os alunos tinham de se organizar,(...). Portanto, nesta aula quando queria instruir algo, era apenas para um grupo reduzido de alunos, em que a informação era individualizada por cada grupo, e consoante as suas dificuldades existentes.”*

(Aula 6 de Março)

“De modo a realizar a transição para o exercício seguinte, optei por não juntar a turma toda como é habitual e explicar o exercício, mas sim passar por cada grupo e informa-los e explicar, e assim começam logo a realizar a sua tarefa,

e de seguida passo para um outro grupo e explico.”

(Aula 6 de Março)

Com este tipo de organização, o professor conseguiu instruir um grupo pequeno de alunos, e dar novas instruções ou então passar para um novo exercício. Não existe necessidade de reunir a turma toda para a instruir e, devido a isso, os alunos não se distraem com brincadeiras potenciadas por estarem próximos, o que permite ganhar tempo útil de aula e assim manter a turma controlada.

Este tipo de organização possibilita aos alunos tempos elevados de empenho motor e também verificamos que apresentam uma maior concentração nos exercícios propostos.

Conclusões

Finalizada a discussão e análise dos dados, expõem-se algumas conclusões na deste estudo. Com estas conclusões pretende-se melhorar a intervenção do professor durante as aulas de educação física.

No presente estudo foram desenvolvidas diferentes estratégias de organização de atividades dos alunos de modo a verificar qual das estratégias seria a mais apropriada a esta turma, sendo uma delas a organização por circuito conjugada por estações, em que nesta estratégia, numa das desenvolvidas, foi o professor que organizou os grupos de trabalho, e noutra o professor deu oportunidade aos alunos de formarem os seus grupos de trabalho. As outras estratégias de organização aplicadas foram a organização por vagas e a organização massiva. Sendo que cada uma destas organizações têm características diferentes.

O intuito da utilização destas estratégias era tentar perceber qual delas eram mais indicadas para eliminar ou diminuir consideravelmente os comportamentos de indisciplina da turma, e com isso aumentar o tempo de empenho dos alunos. Assim, o estudo ajudou a entender qual das estratégias é mais favorável a esta turma.

Na estratégia da organização por circuito, conjugada por estações, em que o professor dá oportunidade aos alunos de formarem os seus grupos de trabalho, o que se conclui é que, nesta estratégia o professor não tem o completo controlo da turma. No entanto, tem uma vantagem, porque permite identificar quais os alunos mais perturbadores da turma, e que normalmente prejudicam o papel do professor para o controlo da mesma.

Ainda dentro da mesma estratégia de organização por circuito, conjugada por estações, mas na qual é o professor que organiza os grupos de trabalho, conclui-se que o professor já consegue ter um bom controlo da turma, visto que os alunos se encontram mais empenhados nas tarefas e, que os alunos mais irrequietos estão distantes entre si e assim estes já não prejudicam o bom controlo da turma.

Uma outra estratégia sendo esta a mais prejudicial é a organização em Vagas, nesta conclui-se que o professor não consegue ter um bom controlo da turma, porque existe um momento prejudicial que é o tempo de espera. É precisamente neste momento que os alunos começam a ter atitudes não apropriadas na aula, portanto, esta forma de organização não é muito benéfica para os objetivos a atingir.

Uma das organizações que se verificou benéfica, para atingir os objetivos foi a organização massiva, esta revela ser bastante vantajosa no controlo que o professor possui com a sua turma devido ao empenho dos alunos na tarefa, o que diminui os atos de indisciplina nas aulas. Também permite ao professor ter uma intervenção diferente, visto que pode estar a instruir a um grupo reduzido de alunos, e consequentemente os outros a executarem uma determinada tarefa, e assim reduzir os atos de indisciplina.

Referências

Amado, J. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola: Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA

Boggan, R. & Biklen, K. (1999) *Investigação qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Estrela, M. T. (1992) *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Portugal: Porto.

Hsieh, H.& Shannon, S. (2005). Three Approaches to Qualitative Content Analysis. In Published by SAGE *Qual Health Res* 2005 15: 1277

<http://qhr.sagepub.com/content/15/9/1277>

Mesquita I. & Rosado, A (2011). *Pedagogia do Desporto. Faculdade Motricidade Humana de Lisboa*. Edições FMH

Oliveira, J. (2002). *(In)disciplina na sala de aula: perspetiva de alunos e professores*. Portugal: Lisboa

Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.

Tavares, P. (2004). *Representações dos professores acerca dos comportamentos de indisciplina na aula de educação*. Dissertação de Mestrado : Desporto para Crianças e Jovens. Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física .

4.1.3.3 Gestão do tempo ... uma mais-valia

Segundo Piéron (1996), a gestão do tempo de aula é um elemento chave na eficácia do ensino das atividades físicas e desportivas. O empenho motor dos alunos nas tarefas propostas representa um meio importante para facilitar as aprendizagens.

A par da indisciplina, o empenho motor dos alunos foi uma das minhas preocupações. Inicialmente não estava a conseguir criar uma boa dinâmica e portanto o empenho motor dos alunos não era o desejado.

Sabia que muitos dos atos de indisciplina que surgiam eram devido aos alunos serem muito ativos, por isso, tinha de aproveitar toda essa energia e direcioná-la para o seu empenho motor. Com isto pretendia aproveitar todo o tempo útil de aula e diminuir os tempos mortos.

“(...) tenho de tentar reduzir os tempos de espera para que eles não se distraiam, de modo a aula decorrer com normalidade.”

(Diário de bordo-1 de Março)

De modo a resolver este problema comecei por encontrar estratégias adequadas. Este foi um dos momentos em que evoluí mais. Com o decorrer das aulas foi conseguindo um maior controlo, no entanto, para aproveitar o tempo útil de aula comecei por realizar em todas as aulas uma organização prévia. Antes da chegada dos alunos organizava o espaço de forma a começar de imediato o exercício sem perder tempo de aula, mas, no decorrer destas cheguei à conclusão que era insuficiente apenas a preparação do primeiro exercício e por tal, de modo a fazer uma transição rápida, comecei por aproveitar os materiais, espaços e grupos utilizados no exercício anterior para o exercício seguinte.

Uma outra estratégia utilizada principalmente nas modalidades coletivas estava relacionada com o fazer as transições de uns exercícios para outros. Isto é, quando pretendia mudar de exercício, no início juntava toda turma para instruir, aqui verifiquei que era prejudicial os alunos estarem todos juntos porque se distraiam e não paravam quietos e calados, devido a isso, optei por não o fazer, ou seja, apenas o fazia em último recurso.

“Para realizar a transição para o exercício seguinte, optei por não juntar a turma toda como é habitual, mas sim, passar por cada grupo e expor-lhes o exercício, assim começam logo a realizar, e de seguida passo para um outro grupo e explico novamente. Desta forma consegui um melhor controlo e não existe aquela pausa em que os alunos se juntam, distraem-se e começam com brincadeiras. Ganho mais tempo útil de aula e os alunos estão mais concentrados.”

*(Diário de Bordo – 6 de
Março)*

A solução era dirigir-me a cada grupo como podemos verificar na citação do diário de bordo, e deste modo alterava o exercício e dava as instruções, enquanto os outros grupos continuavam em exercitação. Esta foi uma das estratégias que comecei a desenvolver com a minha turma, pois permitia-me fazer transições rápidas e eficazes, esta forma ajudou-me a gerir melhor o tempo de aula diminuindo os tempos mortos, e assim aumentava o empenho motor dos alunos.

4.1.3.4 Comunicação

Depois de ter ensinado algumas regras e implementado algumas rotinas já foi possível uma melhor gestão de aula e a existência de um clima mais agradável para a prática do ensino, garantindo assim um elevado tempo útil de aula. A partir deste momento sentia a necessidade de debruçar-me sobre os momentos de instrução, devido às dificuldades manifestadas pelos meus alunos e por isso investi neste ponto para aperfeiçoar a minha intervenção.

A instrução deve ser uma das competências desenvolvidas pelo professor, pois ele tem de saber comunicar com os seus alunos de modo a transmitir-lhes o seu conhecimento e ideias. Certamente que cada professor adapta, desenvolve e encontra a melhor forma de o fazer consoante a sua turma. Daí *Siedentop* (1983) fazer referência que as competências e a qualidade do desempenho do professor esta relacionada com a sua personalidade, pela motivação e aptidão em lecionar.

No entanto, segundo *Siedentop* (1991) na instrução existem três momentos importantes: antes da prática, aqui o professor apresenta a tarefa pretendida, explica e realiza a demonstração; durante a prática, com *feedback* (FB); por último no final da prática, fazendo uma reflexão e tirando conclusões. Posto isto, a minha instrução e comunicação baseou-se nestes três momentos, para que fosse possível ter uma evolução racional e refletiva sobre o meu desempenho.

O professor necessita de desenvolver a sua comunicação de modo a ser claro e objetivo, por isso, desde sempre tentei ser o mais sintético possível, ajustando o meu vocabulário de modo a ser o mais transparente possível. Segundo Mesquita e Rosado (2009), sem dúvida que o papel exercido pela comunicação no processo ensino aprendizagem é incontestável. Isto revela a importância da comunicação no ato do ensinar.

No momento de instrução procurava ser o mais concreto possível, mas nem sempre o conseguia, após ter explicado e demonstrado como se realizava um determinado exercício os alunos não sabiam o que tinham de realizar. Isto reflete que o momento da explicação conjuntamente com a demonstração nem sempre era alcançado como pretendido, daí ter experimentando várias estratégias. Considero que um dos pontos fulcrais para esse insucesso era a desatenção dos alunos.

“Neste exercício o qual designei no plano de aula de transmissão, expliquei à turma como o exercício é realizado. Os alunos estavam sentados no chão, penso que assim toda a gente via e ouvia as minhas instruções, para além disso pedi voluntários para demonstrarem, de seguida mandei os grupos para os seus lugares para realizar e o que aconteceu foi que ninguém fez o que eu pretendia, porque encontravam-se na brincadeira, o que originou a que eu fosse a cada grupo explicar e incentivar para os alunos realizarem a tarefa proposta.”

(Diário de Bordo- 7 de novembro)

Devido a isso, comecei utilizar estratégias e a entender que a melhor maneira de comunicar com os alunos era instruindo para pequenos grupos e não para a turma toda. Quando realizava a explicação para pequenos grupos,

os alunos demonstravam-se mais recetivos e mais atentos. Por isso, quando existia possibilidade de instruir para pequenos grupos optava sempre por essa forma.

“(...) quando queria instruir algo, era apenas para um grupo reduzido de alunos, em que a informação era transmitida por cada grupo, e consoante as dificuldades existentes.”

(Diário de Bordo- 6 de Março)

No entanto, quando necessitava de explicar para a turma toda, uma estratégia adotada era sentar todos os alunos no local onde estavam a exercitar, interrompia os exercícios e assim realizava a devida instrução. Neste momento, se fosse necessário a demonstração pedia a um aluno ou a um grupo de alunos que dominassem esse conteúdo que a fizessem, assim os seus colegas visualizavam como se fazia, ou então realizava eu a demonstração, mas isto só acontecia se tivesse um certo à-vontade na modalidade.

No momento de explicação sabia que tinha de ser claro e sucinto para que os alunos não dispersassem, esta foi uma das estratégias implementadas quando pretendia instruir e fazer com que os alunos retessem a informação. Pois, com o tempo fui aprendendo que tinha de ser objetivo e rápido, utilizando palavras-chave, para não cometer o erro de transmitir informação em demasia como acontecia inicialmente. Isto ajudou a que os alunos estivessem mais atentos à informação que lhes tinha para dizer e assim ao longo do ano não precisava de ter uma outra atitude para reter a atenção dos alunos no momento de instrução.

Durante o exercício tinha a necessidade de intervir, de modo a melhorar o desempenho do aluno na tarefa e para este receber um conjunto de informações acerca da forma como realizou a ação. A intervenção utilizada era através de FB pedagógico, que segundo (Rosado & Mesquita, 2009) é uma mais-valia para o professor no processo de interação pedagógica.

Começo por referir que durante as primeiras aulas os FBs eram escassos e negativos. Considero que tive uma grande evolução não só na

quantidade de FBs emitidos mas sobretudo como os realizava, pois, já eram centrados nos conteúdos ajudando a melhorar o desempenho dos alunos.

Inicialmente estava muito centrado na especificidade do FB, pois a minha informação era meramente apreciativa (positiva ou negativa) não continha nenhuma informação específica sobre como melhorar, assim não promovia aprendizagens. Desde cedo percebi que era necessário dizer ao aluno o que fazer para este conseguir melhorar.

O modo como o fazia era através da individualização, de forma a corrigir e orientar o aluno falando diretamente com ele, assim, tinha a certeza que este não perdia a informação. No entanto, se os erros fossem comuns num determinado grupo, aqui a estratégia adotada era parar esse grupo e realizava o FB para todos os alunos. Também em muitos casos os FBs eram emitidos durante a execução dos exercícios, de modo a corrigir de imediato, para os alunos melhorarem nas próximas tentativas.

A minha preocupação no ato de ensino era que o aluno soubesse o que estava a fazer, a importância de o fazer, porque o fazer e onde o fazer, porque mais que um fazedor, o aluno tem de ser visto como um pensador (Mesquita, 2005). Desta forma, pretendia através do FB fomentar a interpretação da situação, questionando-o sobre a mesma, de modo a potencializar a descoberta guiada. Ao questionar o aluno sobre uma determinada situação, como por exemplo “olha a tua colocação entre o adversário e a tua baliza” com isto pretendia não só corrigir um erro mas também a obriga-lo a pensar sobre esse comportamento, para que ele através da situação conseguisse perceber qual o melhor posicionamento sem eu lhe dizer e, a verdade é que por vezes isso acontecia. Ao longo do ano foi notório a minha evolução em relação à utilização de FB positivo para motivar os alunos, que segundo (Mesquita, 2009) permite melhorar o clima de aula, promovendo o empenho dos alunos e reforçar os aspetos fortes da prestação, no entanto não deve ser estereotipado, para não perder o efeito motivador. Sendo assim, consegui cativar a atenção dos alunos e proporcionar um ambiente de comunicação entre professor-aluno mais agradável.

4.1.3.5 Competição, nas modalidades desportivas coletivas... conquista do seu equilíbrio

No início do ensino das modalidades coletivas comecei por abordá-las, do topo para a base, através de jogos reduzidos. Com estas situações de aprendizagem pretendia que os alunos adquirissem competências necessárias para a resolução dos problemas que normalmente aparecem durante o jogo. Assim desenvolviam as ações técnicas e táticas contextualizadas e não isoladas. Os jogos reduzidos facilitam uma leitura mais eficaz do jogo, simplificando-o, proporcionam um empenhamento motor mais elevado, constantes tomadas de decisões por parte dos alunos, um nível de concentração mais elevado e uma participação mais direta e continuada em todas as fases do jogo. Na linha de pensamento de Garganta (1998), a utilização dos jogos reduzidos no ensino dos jogos desportivos coletivos (JDC), apresentam enormes vantagens, permitindo aos alunos vivenciarem situações variadas presentes no jogo, e assim, compreender melhor as componentes inerentes ao JDC, considerando de grande importância a decomposição do próprio jogo em unidades funcionais.

Com o decorrer das aulas começaram a surgir problemas como desavenças entre os alunos nas modalidades dos JDC, pois nestas modalidades existia muito contato físico entre os alunos, isto surgia devido à grande competitividade, existente nos alunos, porque todos queriam ganhar a qualquer custo. Surgindo então um problema a ser resolvido.

O que estava na origem deste problema era os alunos terem um espírito de vitória muito apurado, não respeitando as regras e os colegas. Para eles, o importante era vencer o jogo, independentemente se faziam batota ou não.

Perante este problema e para continuar a abordar as modalidades da forma que eu pretendia tinha de encontrar soluções, solução que passou pelo educar dos alunos. Para Siendetop (2002) um dos objetivos de educação física passa por educar devidamente o jovem praticante. Por isso, tinha de ensinar os alunos a aprender a competir, mas para isso era necessário desenvolver capacidades sociais, como a responsabilidade, cooperação, comunicação, respeito pelos colegas etc.

As estratégias por mim utilizadas passaram pela valorização das componentes do *fair-play*, pois se uma determinada equipa ou aluno tivesse algum ato desrespeito, maldade, agressividade, entre outros, a sua equipa era punida e muitas das vezes os castigos passavam por mandar sentar esses alunos e não os deixar realizar mais o jogo.

(...) num dos grupos existiram atitudes menos próprias por parte de alguns alunos e por tal tive de os mandar sentar, pois estes estavam muito “nervoso” e se continua-se assim poderia acontecer algo desagradável, os alunos ficou sentado até ao final da aula. (...)

(Diário de Bordo- 23 de Janeiro)

Com esta estratégia os alunos começaram a ser mais responsáveis e respeitadores, pois a iniciativa de ter uma postura correta já partia da sua própria consciência, porque nenhum deles queria ser o responsável da eliminação da sua equipa. Assim, sabendo que a turma tinha problemas de indisciplina e que de certa forma eram um pouco revoltados, à partida tinha de encontrar um equilíbrio. Este equilíbrio foi conseguido ao fim de algumas aulas a insistir com esta estratégia. Sem dúvida que os alunos começaram a ser mais responsáveis e a valorizar mais as regras, sendo competitivos na mesma mas de uma forma mais saudável.

Portanto, esta foi mais uma estratégia aplicada, para conseguir obter uma boa orientação de ensino, com isto consegui melhorar alguns comportamentos e atitudes dos alunos, o ideal era os alunos possuírem em todas as modalidades comportamentos aceitáveis, para as modalidades serem abordadas sem constrangimentos.

4.1.3.6 Experiências no ensino das modalidades

Depois de todos os pontos mencionados anteriormente, pretendo de uma certa forma referenciar algumas das experiências vivenciadas no ensino das diferentes modalidades.

As modalidades que fizeram parte do 8ºano de escolaridade e abordadas por mim foram as seguintes: 3 modalidades coletivas (andebol, futebol e basquetebol) e 4 modalidades individuais (patinagem, badminton, ginástica e atletismo).

Em relação às modalidades coletivas como já referenciei no ponto 4.1.3.5, a minha forma de as abordar baseou-se em jogos reduzidos, pois desta forma as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, por isso simplificava o jogo formal, criando situações de aprendizagem que permitissem aos alunos desenvolver todas as competências necessárias provocadas pelo jogo. No entanto, nem sempre obtive o sucesso desejado, visto que muitas das vezes senti dificuldades em controlar os alunos e obter o empenho motor desejado. No meu entender, devido à irreverência dos alunos, este modo de ensinar proporcionava uma maior dificuldade de organização e controlo da aula. Os alunos no jogo têm mais autonomia, isso por vezes originava atos inesperados por partes dos alunos e eu como professor, era incapaz de controlar. Portanto, foi uma tarefa exigente para mim manter a turma controlada. Inicialmente senti algumas dificuldades pois as aulas eram imprevisíveis, porque os alunos tinham atitudes fora da tarefa, como por exemplo chatearem-se com os colegas de equipa, isto tornava difícil o controlo da aula. Devido a essas situações, não conseguia estar concentrado nos conteúdos que tinha estabelecido para uma determinada aula, mas ao longo do ano com a experiência que fui obtendo consegui ultrapassar este obstáculo.

Quanto à abordagem das modalidades individuais entre as quais: o atletismo, a ginástica, a patinagem e o *badminton*, baseou-se numa abordagem em que pretendia partir do mais simples para o mais complexo. Utilizando situações mais analíticas para promover uma aprendizagem segura da prática do aluno, para que adquirisse confiança e autonomia suficiente para progredir nos conteúdos e na sua complexidade. Com o avançar da UD procurava introduzir situações mais complexas, em que os conteúdos estavam interligados de uma forma global. No final, pretendia que eles fossem capazes de encadear todos os conteúdos. Como por exemplo, na modalidade de patinagem, os alunos abordavam os conteúdos de uma forma analítica, depois pretendia que eles fossem capazes de encadear os conteúdos numa sequência.

Na modalidade de patinagem comecei por abordar o deslize (frontal, cócoras, “oito”, “quatro” e “para trás”), fiz abordagem a travagem em “T”, e desenvolvi o curvar (pés paralelos e cruzamento de pés). A melhor forma que encontrei para ensinar os conteúdos, foi através de exercícios analíticos. O meu plano de aula estava dividido em três, sendo que na parte inicial elaborava um exercício lúdico em que os alunos já possuíam os patins, na parte fundamental os alunos realizavam exercícios analíticos de modo a desenvolver os conteúdos que estabeleci para a mesma, na parte final os alunos realizavam um circuito com os conteúdos aprendidos. A modalidade de patinagem foi de todas as modalidades a que estava menos preparado para lecionar, devido ao meu desconhecimento sobre a modalidade. Atendendo a isso, tive a necessidade de procurar sobre esta modalidade e estudá-la de forma aprofundada, para adquirir o conhecimento necessário sobre a mesma.

Na modalidade de ginástica de aparelhos (boque e mini-trampolim), tinha como preocupação no início de todas as aulas referir as regras de segurança e rotinas, de forma a prevenir danos maiores. Pois se os aparelhos fossem utilizados de forma incorreta os alunos podiam magoar-se com alguma gravidade.

A abordagem que fiz nesta modalidade foi, de forma isolada pois os alunos abordavam uma determinada habilidade motora sempre em estações, é de realçar que nem sempre era possível respeitar a progressão no ensino de uma habilidade motora, ou seja do mais simples para o mais complexo. O ideal era os alunos iniciarem em situações no solo, posteriormente em plano elevado (cabeça do plinto ou/e *Reuther*) e por último a técnica completa no aparelho. O qual não acontecia devido à organização, porque tinha 4 estações para 4 grupos, ora nem todos podiam começar no solo e seguir a devida progressão. Tenho a consciência que não era a forma mais pedagógica mas não tinha alternativa se pretendia proporcionar aos alunos aulas intensas e com poucos tempos mortos. Para isto, esta organização era mantida desde o início das aulas e cada grupo ocupava uma estação, onde executava durante um dado tempo, um determinado exercício ou uma sequência de exercícios. Passado o tempo programado, todos os grupos mudam de estação, isto é, “rodam”

(Quina,2009). Como só tinha quatro estações diferentes, não podia repetir o exercício na segunda vez em que os alunos passassem pela mesma estação, por isso, acrescentava variantes nas estações. Desta forma, consegui manter os alunos em atividade, no entanto, é de realçar que não podia ter os alunos na mesma estação durante muito tempo. O tempo de exercitação seria apenas de 7 a 10min em cada estação, pois se fosse mais tempo eles começavam a dispersar e a perder o interesse na atividade.

Uma preocupação durante a aula era sobre o meu posicionamento perante a turma, porque tinha de me colocar de modo a visualizar todos os alunos, tinha de estar sempre na estação mais perigosa, como por exemplo onde estava presente o minitrampolim, de modo a confirmar a segurança dos alunos. O controlo perante a turma tinha de ser realizado a partir desta estação, quando tinha a necessidade de me deslocar a outra estação, tive sempre o cuidado de não deixar nenhum aluno realizar o salto sem ajuda, normalmente colocava um aluno de confiança e conhecedor de como se faz a ajuda.

Na modalidade do atletismo comecei por abordar a técnica de corrida (postura vertical, movimento do membros superiores, movimento dos membros inferiores), a corrida de velocidade (começando com partida de pé, aceleração, velocidade de reação) e por último a corrida de estafetas (pega do testemunho, Transmissão/ receção, técnica ascendente).

Na modalidade de *badminton* optei por organização massiva em pares, em que normalmente os alunos trabalhavam dois a dois, isto só era possível porque existia um número suficiente de raquetes para todos os alunos. Organizava minicampos no pavilhão em que cada par ocupava um determinado campo.

A abordagem dos conteúdos era ensinada de forma a existir cooperação no 1x1. Quero dizer com isto o seguinte, se eu pretendesse que os alunos realizassem um habilidade motora como o *clear*, proporcionava um exercício em que os alunos tivessem o maior tempo possível a realizar esta habilidade, isto normalmente acontecia na parte fundamental da aula, na parte final, pretendia que os alunos exercitassem todos os conteúdos aprendidos até a

data com jogos de oposição de 1x1. Para motivar os alunos para esta modalidade, transmiti-lhes que no final de cada aula eles realizariam jogo de 1x1, mas para isso tinham de se empenhar durante a aula nos exercícios propostos. Penso que foi uma boa estratégia e os alunos corresponderam com empenho e dedicação nesta modalidade.

Também é de realçar que em todas as modalidades para além das habilidades motoras tinha o objetivo de melhorar a condição física, os conceitos psicossociais e a cultura desportiva. Relativamente à condição física, a partir de uma determinada altura do ano optei por apenas realizar no final das aulas de 90 minutos. Aqui normalmente os alunos realizavam exercícios de força superior, média e inferior. Para desenvolver a força superior foram realizadas flexões de braços, para a força média eram realizados abdominais, por fim, de modo a desenvolver a força inferior os alunos realizavam saltos de canguru. Inicialmente também realizava nas aulas de 45 minutos, mas o tempo de aula era reduzido, e como tal, optei por não o fazer. Em relação aos conceitos psicossociais, ao longo do ano tentei de uma certa forma desenvolver o cumprimento de regras, respeito, cooperação, autonomia e *fair-play*, estas tiveram presentes em todas as aulas das diferentes modalidades. A cultura desportiva estava permanente em todas as aulas, assim tive o cuidado de me preocupar com as regras e o uso de terminologia específica. Para além disso, de modo a potencializar as competências dos alunos, estes eram submetidos a um teste ou trabalho sobre as modalidades.

Todas as minhas opções tomadas, ao longo deste ano de estágio tiveram por base os alunos. Neste ponto baseei-me nas necessidades e dificuldades dos alunos, pois pretendia ir ao seu encontro para que fosse possível proporcionar um bom processo de ensino aprendizagem. Sendo o meu primeiro ano a lecionar e devido à inexperiência, tenho a consciência que tomei opções corretas e erradas, mas o importante era que com as constantes reflexões ia corrigindo algumas das decisões e estratégias desenvolvidas com menos sucesso, para proporcionar aos alunos uma melhor aprendizagem.

4.1.3.7 Modelo de ensino privilegiado: Modelo de Instrução Direta

Durante a minha prática de ensino o modelo que mais privilegiei foi o modelo de instrução direta (MID). Este modelo segundo Graça e Mesquita (2009), centra o professor na tomada de praticamente todas as decisões acerca do processo de ensino aprendizagem.

Como professor desta turma pretendia ter o controlo da aula, de forma a rentabilizar o máximo empenho de cada aluno, precisava de prescrever todas as ações executadas pelos alunos, como, determinar claramente as regras e rotinas de gestão dos alunos, ou então determinar o tempo de execução de cada exercício, para que os alunos alcançassem a máxima eficácia em todas as atividades desenvolvidas na aula.

Desta forma, tinha o intuito de manter a turma organizada e controlada, pois, só assim é que conseguia obter um bom desempenho por parte dos alunos. O que pretendia era ter controlo estreito das atividades dos alunos, pois segundo o mesmo autor é a nota dominante do MID.

Inicialmente era um professor autoritário e que estava constantemente a dialogar com os alunos, sobre os seus comportamentos que realizavam nas tarefas. Posteriormente fui-me apercebendo que tinha de mudar a minha forma de atuar, de forma a não inibir os alunos nas suas tarefas, assim sendo, melhorei o processo de ensino e de aprendizagem.

Consoante este modelo tenho a responsabilidade de identificar os problemas da prática, e tentar encontrar as respetivas soluções, assim tentei desenvolver um conjunto de soluções que me fosse possível chegar a uma solução para proporcionar um bom processo de ensino-aprendizagem, pois segundo este processo de ensino o protagonismo está do lado do aluno, sendo então o aluno o centro de todo processo de ensino-aprendizagem. A minha tarefa neste modelo passou inicialmente por atribuir aos alunos, responsabilidade e compromisso com as tarefas de aprendizagem, como professor indicava os critérios de êxito de uma determinada tarefa e os alunos tinham de ser capazes de as consumir.

A minha forma de atuar passou a basear-se nos modelos didáticos mais indiretos e interativos, como por exemplo através da aprendizagem

cooperativa, ensino por pares e o modelo de questionamento (Mesquita, 2008). O que pretendia na aprendizagem cooperativa era que os alunos participassem numa tarefa e colaborassem com os seus colegas na mesma tarefa, de modo a promover a valorização social. Isto é, pretendia que todos os alunos tivessem consciência que o sucesso / fracasso é de todos e da responsabilidade de todos e não de um. Por isso os alunos em pequenos grupos participavam e cooperavam, para todos alcançar o sucesso desejado na resolução de uma tarefa. Com o ensino por pares pretendia uma valorização mental. Enquanto um aluno realizava uma tarefa o seu par observava e corrigia o consoante o objetivo pretendido para uma determinada tarefa. Criando uma interação entre os elementos.

O questionamento promove a liberdade processual na interpretação das situações de aprendizagem e na compreensão do erro, fomenta a emergência do comportamento proativo em detrimento do reativo, ou seja, orienta a perceção dos alunos para a auto-organização, promovendo a autonomia. (Mesquita, 2008)

O mais importante que prescrever o exercício ou identificar o erro, era fundamental questionar o aluno, sobre determinada tarefa, assim ia aumentando o empenho cognitivo dos alunos, e estes não ficavam dependentes do *feedback* fornecido pelo professor, isto tornava os alunos construtores da sua aprendizagem como autorreguladores da mesma.

Tudo isto porque, muitas vezes, pelo MID não ficava na posição de facilitador do processo de aprendizagem, encorajando o aluno a explorar diferentes soluções para os problemas correntes da prática. A minha ação era castradora do pensamento do aluno o que levava a repetições automáticas do movimento. Pretendia que os alunos fossem autónomos dando-lhe as ferramentas para eles saberem ler e interpretar as situações-problema. Contudo, pretendia que os alunos fossem capazes de ser autónomos conseguindo ler, perceber e agir numa determinada situação ocorrida durante uma tarefa.

O MID, para além do que foi mencionando anteriormente, orienta-se para a comunicação do professor. Em que Rosenshine (cit. por Graça &

Mesquita, 2009) destaca três tarefas que o professor tem de realizar durante uma aula de educação física, entre elas: revisão da matéria previamente aprendida, apresentação de novas habilidades ou do conteúdo em geral, monitorização elevada da atividade motora dos alunos e avaliação/correções sistemáticas em referência aos objetivos delineados. Estes quatro momentos estavam bem evidentes nas minhas aulas.

Sobre a revisão da matéria, sempre que sentia necessidade realizada no início de cada aula, de forma a verificar e a relembrar os alunos dos conteúdos abordados nas aulas anteriores.

Assim proporcionava ao aluno recordar a matéria previamente abordada e fazer a relação com o que aprendeu e o que irá aprender de novo, ou então o que irá consolidar do já abordado.

Para a apresentação de uma nova habilidade ou conteúdo em geral, neste momento existia por parte do professor uma explicação aos alunos do pretendido e de seguida uma demonstração. É de realçar que a demonstração nem sempre era realizada pelo professor, porque sempre que verificava que um aluno ou um grupo de alunos realizavam consideravelmente bem uma habilidade motora eram eles que faziam a demonstração para os seus colegas. Uma outra estratégia era no momento de explicação e demonstração, neste momentos pretendia ser o mais objetivo possível utilizando palavras-chaves, para os alunos reterem a informação essencial para os ajudar a realizar corretamente a tarefa. Neste momento não podia perder muito tempo, pois os alunos eram impacientes e se fosse muito extenso eles dispersavam facilmente o que dava origem na maior parte das vezes a uma desordem na aula.

Quanto à monitorização da atividade motora dos alunos, pretendia desenvolver competências básicas, para isso, ia monitorizando constantemente a atividade dos alunos, controlando o tempo disponível para uma certa atividade e o número de repetições que os alunos a realizavam se assim fosse necessário. Contudo, é de realçar que quando verificava que um determinado exercício não estava a ser cumprido como pretendia, intervinha e mudava de exercício pois, não fazia sentido cumprir o tempo que tinha planeado para o mesmo se este não estava a ser entendido pelos alunos. Mas, se um exercício

estivesse a correr muito bem e os alunos estivessem aprender e a possuir um bom empenho motor, o que acontecia era que dava mais tempo para além do que tinha planeado para o realizarem. Desta forma, aproveitava o bom empenho dos alunos, pois assim os alunos tinham mais tempo de exercitação.

Em relação à avaliação e correções sistemáticas em referência aos objetivos traçados, pretendia que os alunos tivessem o empenho desejado na tarefa a ser realizada, para contribuir positivamente para este efeito. Segundo Graça & Mesquita (2009) o professor tem de emitir um elevado número de *feedbacks* e correções aos alunos durante a prática ou em cada tarefa. Neste ponto, era bem evidente a minha participação ao transmitir informação para dirigir as tarefas, criando sempre espaço para que os alunos também colocassem questões sobre determinada tarefa ou conteúdo. A minha preocupação passava por motivar os alunos para o compromisso da tarefa. Sempre que fosse possível o meu *feedback* era positivo e corretivo. No entanto, destaco que ao longo do estágio este foi um ponto em que fui evoluindo bastante, porque inicialmente os meus *feedbacks* não eram positivos eram mais corretivos e negativos e não elogiava os alunos quando estes realizavam uma tarefa correta. Com o tempo senti que era importante começar utilizar com mais frequência *feedbacks* positivos nas minhas aulas, para os alunos sentirem-se mais motivados e a encorajá-los ou mesmo desafiá-los para desempenhos superiores.

Esta minha forma de atuar surgiu devido as características da minha turma, contudo este modelo de ensino foi o que mais prevaleceu no meu ano de estágio.

4.1.4 Avaliação

A avaliação é uma das tarefas mais importantes realizadas pelo professor. Esta ferramenta permite ao professor não só avaliar os alunos, como também verificar se o seu ensino está a proporcionar aos alunos uma aprendizagem de qualidade. Isto vai ao encontro de Matos (2011a) que refere que a avaliação serve como elemento regulador e promotor da qualidade do

ensino e da aprendizagem, em que o professor possui uma percepção adequada, ao nível das estratégias de ensino adotadas.

A avaliação é colocada na educação física muitas vezes como um desafio ao professor, visto que desempenha um papel por vezes ingrato, ou injusto na atribuição das notas.

Desta forma, pretendia ser o mais justo possível com os alunos e para isso, era meu objetivo conseguir regular todo este processo, para que não existissem injustiças na atribuição da nota de cada aluno. Bento (2003) faz referência que a avaliação é uma das tarefas centrais e o professor deve ter em atenção durante a sua prática pedagógica.

Ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem os alunos foram avaliados em três domínios: o psicomotor, o sócio afetivo e cognitivo, cada um com diferentes pesos na atribuição da nota final, sendo o domínio psicomotor com (60%), seguido do domínio sócio afetivo (30%) e por fim o domínio cognitivo com (10%), estas percentagens foram definidos pelo grupo de Educação Física.

O domínio psicomotor era avaliado no final de cada unidade didática através das habilidades motoras e condição física desenvolvidas pelos alunos ao longo das aulas. O domínio sócio afetivo foi avaliado de forma contínua, visto que recolhia informação sobre cada aluno relativamente à sua assiduidade/pontualidade, ao seu comportamento e participação. Em relação ao domínio cognitivo, pretendia avaliar a cultura desportiva, para o efeito, a escolha para obter uma nota foi através da realização de um teste teórico. Este era constituído por dois grupos: um de escolha múltipla e outro de verdadeiros/falsos. A opção pelo teste ocorreu no primeiro e terceiro período, no segundo período os alunos foram avaliados, através da realização de um trabalho individual, sobre a modalidade de andebol.

Com o cálculo destes domínios conseguia atribuir uma da nota final, no entanto, em conversa com o professor cooperante no primeiro período verifiquei que alguns alunos não podiam ter uma determinada nota, tendo em consideração os comportamentos de indisciplina durante as aulas.

Posto isso, deveria considerar a fórmula e alterar a nota desses alunos, sendo que ficavam aquém das expectativas em relação ao domínio socio afetivo. Por outro lado, eram alunos com bastantes competências e capacidades para a prática de EF. Desde o início assumi a responsabilidade de baixar as notas a esses alunos, visto que entendia ser o mais correto e justo perante o contexto da turma. Com isto, também pretendia transmitir a estes alunos que eles têm de melhorar o seu comportamento.

Inicialmente, alguns deles acharam injusto, mas depois de falar com eles e explicar entenderam e prometeram que iam melhorar os seus comportamentos. Portanto, no início do segundo período já tive o cuidado de alertar os alunos que o domínio socio afetivo ia ter um peso maior na nota do final do período e, portanto, tinham de ter cuidado com o seu comportamento e atitudes.

“(...)existem alunos que são bastante agressivos na aula perante os seus colegas. Por isso, este período informei, todos os alunos que o respeito pelos colegas e pelas regras da modalidade iam ser bastante valorizadas, e também a postura do aluno na aula.”
(Diário de bordo- 4 de Janeiro)

Sendo assim todos os alunos demonstraram o seu interesse em melhorar o seu comportamento para possuir uma melhor nota, desta forma comprometeram-se a ter um melhor comportamento. No entanto é de realçar que nem todos fizeram o que prometeram, visto que no 2º período ainda existiram alunos que não estavam a cumprir com o “pacto” que tínhamos feito, em relação à melhoria de comportamento.

No terceiro período voltei a incidir que o domínio socio afetivo ia ser muito valorizado. Em relação a este período foi notório uma melhoria e esforço por parte dos alunos, e como tal, tiveram a sua recompensa e a nota merecida. Esta estratégia foi importante para que os alunos sentissem a necessidade do cumprimento das regras, do saber estar, de saber respeitar e saber ajudar os colegas. Considero que esta estratégia também ajudou a diminuir os atos de indisciplina, sabendo eles que se não cumprissem iam ser penalizados por isso.

No entanto, para ser possível realizar uma avaliação coerente, precisa e objetiva é necessário regularmo-nos através de três momentos de avaliação: avaliação diagnóstica (AD), avaliação formativa (AF), e por fim avaliação sumativa (AS). Para além destas, a avaliação contínua estava sempre presente, em que os alunos eram avaliados de forma informal todas as aulas e não apenas nos dias indicados para o devido efeito.

Com a AD pretendia recolher o máximo de informação sobre as capacidades dos alunos numa determinada modalidade, de modo a elaborar o planeamento de ensino consoante o nível de desempenho da turma.

Neste momento de avaliação diagnóstica, nas primeiras modalidades tive algumas dificuldades em fazer a respetiva avaliação. Criei uma escala de apreciação que possuía parâmetros e para estes eram definidos critérios de êxito para avaliar a performance dos alunos, em que esta era classificada em cinco níveis: 1- Não realiza 2-Executa incorretamente; 3- Executa satisfatoriamente; 4- Executa bem; 5- Executa muito bem. Mas, no momento da aplicação senti que tinha cometido um erro, algo estava errado porque estava a ter muitas dificuldades para realizar a avaliação. Depois de refletir com os meus colegas de estágio e com o professor cooperante verificamos que a melhor opção era reduzir os critérios para o máximo de 3 níveis. Esta modificação permitiu-me realizar melhor a avaliação e classificar melhor os alunos. Com esta avaliação eu pretendia identificar o nível dos alunos para posteriormente planear um processo de ensino aprendizagem adequado às dificuldades destes.

Em relação a AF, esta foi utilizada de forma informal, o que me permitia verificar o domínio atingido pelos alunos. Este tipo de avaliação ao longo da UD permite-me regular o processo de ensino aprendizagem e identificar se a minha metodologia de ensino está adequada ao nível dos alunos e se apresentam evolução nos conteúdos ensinados.

Por último a AS, que era realizada no final de cada UD. Esta avaliação era semelhante a AD, para que fosse possível verificar os resultados obtidos. Os conteúdos a avaliar eram os mesmos, só que os critérios estavam divididos em 5 níveis, em vez de 3 como acontece na AD. Esta escala estava dividida da

seguinte forma: 1- não realiza; 2- realiza incorretamente; 3- realiza; 4- realiza bem; 5-realiza muito bem. A existência de vários níveis era necessária para conseguir diferenciar de forma coerente os alunos uns dos outros.

Nas modalidades coletivas (futebol, andebol e basquetebol) a avaliação tanto diagnóstica como sumativa foi realizada sempre em situações de jogo, de modo a que os alunos demonstrassem todas as habilidades motoras que conseguiam realizar. Com isto, verificava se o aluno era capaz de aplicar da melhor maneira uma habilidade motora, de forma a resolver uma determinada situação de jogo.

Nas modalidades individuais (atletismo, ginástica, *badminton* e patinagem) a avaliação foi realizada de diferentes maneiras, ou seja, consoante a modalidade em questão. Na modalidade de atletismo definia grupos e criava um ambiente de competição de modo a que os alunos estivessem empenhados e concentrados na tarefa. Como exemplo, na corrida de velocidade formava grupos e saía um de cada grupo e nesta corrida o vencedor conquistava um ponto para a sua equipa. Para além disso, nesta prova, tinha sempre alunos que cronometravam o tempo dos seus colegas.

Em relação à modalidade de ginástica de aparelhos, inicialmente tive muitas dificuldades na avaliação diagnóstica. A aula era organizada por estações e eu estava presente numa delas, à medida que grupos iam passando nesta estação realizava a avaliação. Assim permitia que enquanto uns alunos iam sendo avaliados, os outros iam exercitando. Um dos problemas que dificultou a minha tarefa foi o barulho e os atos de indisciplina por parte de alguns alunos. Isto acontecia porque estava mais concentrado na estação onde estava a realizar a avaliação. No entanto, em avaliações futuras e conhecendo melhor os alunos, tive um cuidado redobrado em relação aos alunos que não estavam a ser avaliados, e ao mínimo ato de indisciplina praticado por um deles, convidava-os a sentar perto de mim até nova ordem. Esta estratégia permitia-me que tivesse uma melhor atenção aos alunos que estavam a ser avaliados e não estar tanto preocupado com os alunos que estavam em outras estações a exercitar.

Os procedimentos adotados para realizar AD de *badminton*, foi através de jogo de oposição de 1x1, em que elaborei campos de modo a que todos os alunos tivessem a exercitar e desta forma deslocava-me de modo a efetuar a avaliação. A AS decorreu da mesma forma, na minha opinião esta modalidade foi a que me permitiu elaborar uma melhor avaliação.

Na modalidade de patinagem, na AD os alunos foram avaliados às habilidades motoras de uma forma analítica, mas no entanto a AS foi através de um percurso. Em relação ao percurso, os alunos tinham a liberdade de definir o seu próprio percurso. Nesta modalidade e apenas no momento da AS, os alunos que não estavam a ser avaliados estavam sentados a observar os seus colegas. Sendo assim concentrava-me melhor nos alunos que estavam a ser alvo de avaliação.

4.2 ÁREA 2 E 3 – “PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE”

A interação dos professores com a comunidade escolar é sem dúvida de grande importância nos dias de hoje. O papel do professor é muito mais abrangente para além de uma sala de aula. Ao longo do estágio profissional contribuí com a minha participação nas atividades não letivas organizadas pelo grupo de educação física e não só. Nestas atividades tive a oportunidade de me envolver em diferentes funções e sentir o que é ser professor fora da sala de aula. Sem dúvida que todas as atividades em que participei foram importantes para o meu crescimento como futuro docente, pois retirei para o meu futuro próximo o melhor de cada atividade, bem como as experiências relevantes.

4.2.1 Compal –Air 3x3

No dia 14 de maio realizou-se o torneio de basquetebol Compla-Air 3x3, torneio este que tinha sido adiado para o dia de hoje, visto que deveria ser realizado no final do primeiro período, mas como as condições climáticas não permitiram o grupo de educação física decidiu realizar então neste dia. Este

torneio foi elaborado conjuntamente com a Escola de Marecos, e na nossa escola ficou decidido que iam ser realizados os jogos dos escalões de iniciados, juvenis e juniores. A outra escola acolheu os jogos do escalão de infantis. Os professores de educação física tinham como responsabilidade nomear as equipas das suas turmas para a realização deste torneio, é de referir que por turma apenas podiam participar uma equipa por escalão.

No dia do torneio a minha participação começou bem cedo de modo a preparar todo o evento, conjuntamente com os outros professores, para quando chagasse a hora, estar tudo operacional.

Ao longo do torneio a minha função foi ficar responsável por um dos campos e verificar se corria tudo com normalidade, e no final de cada jogo recolhia o boletim do jogo, e entregava na mesa principal, na qual verificava se existia alguma anomalia.

Neste torneio estavam organizados três campos devidamente assinalados, cada campo possuía uma mesa de jogo em que era constituída por alunos da escola, em que apontavam os pontos das equipas. Os árbitros deste torneio eram alunos da escola, escolhidos pelo grupo de educação física sendo eles jogadores federados de basquetebol. Portanto, estes tinham todo o conhecimento das regras e estavam preparados para exercer esta função. Penso que faz todo o sentido ser os alunos a arbitrar os jogos, porque deste modo atribuímos aos alunos tarefas com um grau de responsabilidade elevado.

Ao longo do torneio os jogos foram decorrendo com alguma normalidade, principalmente ao nível da organização de equipas qualificadas para as rondas seguintes como as eliminadas, visto que um professor ia atualizando num quadro que estava devidamente já referenciada com todas as eliminatórias do torneio, sendo que apenas assinalava os resultados das equipas, sendo que assim os alunos verificavam, quem se apurava, e qual seria a sua equipa adversária, como também o campo que jogariam e a que horas era o jogo. Esta organização facilitou todos os envolvidos na tarefa.

Um aspeto negativo deste torneio penso que foi a não entrega das medalhas no final do evento, visto que considero ser um momento importante

neste tipos de torneios e certamente iria criar um ambiente mais agradável e memorável para os participantes, principalmente para os vencedores.

4.2.2 Corrida Solidária

No dia 15 de março sucedeu-se a corrida solidária da escola, na qual o destino foi o parque da cidade de Penafiel. Os professores tinham como objetivo encaminhar e orientar os alunos nesta deslocação, muitos dos professores tinham a seus cargos uma determinada turma. A mim não me estava destinado nenhuma turma, mas como é normal acompanhei a turma que leciono, aproveitando para ir conversando com alguns dos alunos.

Em relação à caminhada penso que esta atividade poderia ter sido organizada de outra forma. Supostamente era uma organização em conjunto com a Escola de Marecos. Ao chegarmos ao local destinado, deparei-me que os alunos da outra escola tinham uma atividade de dança, enquanto que os nossos alunos não tinham qualquer atividade para realizarem e também o tempo que lá estivemos foi pouco. Por isso, a escola devia ter algo programado, e preparado para os alunos realizarem no parque da cidade. Neste dia o meu grupo de estágio poderia ter organizado uma tarefa, mas pensávamos que apenas era para fazer uma caminhada e voltar de imediato a escola.

4.2.3 Corta-Mato

No dia 8 de novembro decorreu o corta-mato, realizada pelo grupo de educação física do agrupamento de escolas Penafiel sul, na qual contou com a colaboração do grupo de estagiários.

Neste dia acompanhei um grupo de alunos que iam participar na prova, até ao local, visto que iria ser realizada na escola de marecos, uma escola que fica aproximadamente a 700 metros da nossa, e portanto os alunos faziam o percurso a pé, sempre com presença de professores responsáveis por eles.

O agrupamento de escolas Penafiel Sul, organizou uma reunião antecipadamente a este dia na qual teve como principal objetivo definir todos os procedimentos de modo a que o corta-mato fosse realizado com o maior cuidado possível e sem qualquer falha. Nesta reunião ficou estabelecido e

indicado o que cada professor tinha de fazer no dia da prova, por isso fiquei responsável de controlar uma zona do percurso, para vigiar se os alunos não violavam as regras e se realizavam o percurso corretamente, esta era a nossa tarefa, sem grande dificuldade. Durante a prova tivemos de estar atentos para que os alunos não “cortassem” caminho, penso que só a nossa presença no local, e com olhar muito atento, os alunos não infringiam as regras porque sabiam que estavam a ser observados, e a possibilidade de serem desqualificados era maior, por isso realizaram a prova com normalidade.

É de realçar que no dia da prova a minha participação foi mais ativa. No início da prova, tive participação na organização das medalhas por escalões e sexos visto que estas tinham a devida classificação e também estavam distinguidas, por sexo masculino ou feminino, portanto, tive que as organizar para que no momento de entregar fosse mais fácil atribuir as medalhas aos vencedores. Estas medalhas foram realizadas pelos alunos na disciplina de educação visual, em que eram feitas a partir de gesso. Penso que é uma boa iniciativa, promover a interdisciplinaridade, desta forma permite que a escola não tenha gastos financeiros nas medalhas para os vencedores.

No final de todas as provas realizadas, participei na entrega das medalhas, um dos momentos mais agradáveis de todo o evento visto que estavam ali reunidos todos os participantes, e proporcionaram um momento muito festivo, e aplaudir os vencedores.

A minha participação na entrega das medalhas foi devido ao facto de ter sido o responsável pela sua organização, visto que era um dos elementos que sabia a ordem da sua organização, e portanto a partir daí era mais fácil a sua entrega aos alunos.

Um dos objetivos desta prova era seleccionar os alunos que iriam representar a escola no corta-mato a nível do vale do Tâmega. No entanto é sempre importante a organização destas provas a nível de escolas de modo a sensibilizar os alunos para a prática desportiva.

4.2.4 Desporto Escolar

4.2.4.1– Orientação

Nesta escola, em relação ao desporto escolar, existiam várias modalidades a serem desenvolvidas como o *goalball*, futsal masculino, patinagem e orientação.

A minha participação no desporto escolar neste ano de estágio focou-se na modalidade de orientação, por isso integrei a equipa que era orientada pelo meu professor cooperante. A vertente do desporto escolar na escola possibilita aos alunos dar continuidade à sua prática desportiva e na minha opinião o aluno através do desporto escolar consegue dar continuidade à modalidade que mais gosta de fazer nas aulas de educação física, sendo esta uma oportunidade fantástica de os alunos praticarem a sua modalidade de eleição. Um das vantagens é que os alunos podem participar nas modalidades existentes, sem possuir custo aos seus pais, e assim aprender a sua modalidade preferida e criar hábitos desportivos.

A minha participação e escolha em colaborar na modalidade de orientação foi pelo facto de professor cooperante ser o responsável e por me sentir mais à-vontade com ele, em detrimento do que com os outros professores. Um outro aspeto foi pelo facto de não ter um grande contacto com a modalidade, pois tinha uma certa curiosidade em conhecer melhor esta modalidade.

A equipa de orientação possuía um número considerável de alunos inscritos, mas na verdade, muitos deles nem sempre frequentam os treinos com regularidade, o que provavelmente influencia os seus resultados nas provas. Na minha opinião, considero que deveria ser feita uma maior divulgação na escola de forma a cativar os alunos a participarem no desporto escolar, pois esta divulgação apenas é realizada pelos professores que participam no desporto escolar, que divulgam às suas turmas a existência da modalidade. No meu entender, se fosse realizada uma maior divulgação do desporto escolar pela escola, certamente que todas as modalidades teriam um maior número de alunos envolvidos.

Os treinos ocorriam às quartas-feiras de tarde, em que os alunos tinham a oportunidade de desenvolver as suas capacidades específicas da modalidade e assim aumentar o seu reportório de conhecimentos e estratégias de forma a ultrapassar obstáculos que provavelmente encontram ao longo das provas oficiais. Em todos os treinos realizados, eu e os meus colegas de estágio estávamos presentes conjuntamente com o professor responsável, por isso realizávamos atividades em que os alunos pudessem aprender cada vez mais sobre a modalidade. É de realçar que os alunos que participavam nos treinos eram heterogéneos, tínhamos alunos que já participavam a vários anos e outros que estavam na modalidade pela primeira vez.

Os treinos foram realizados seguindo uma orientação lógica de progressão, de forma a preparar e melhorar o desempenho dos alunos e que fossem cada vez mais capazes de realizarem uma prova de orientação com elevado sucesso.

Em relação aos alunos novos deste ano, os quais iam integrar a equipa pela primeira vez, tentamos passar o significado da modalidade e qual o seu objetivo. Estes alunos começaram por aprender a analisar no mapa os pontos cardiais, de seguida partiram para o contacto com a bússola. Depois de estes conteúdos estarem bem consolidados, partiram para outros, na qual os alunos dois a dois já eram capazes de realizarem exercícios de grau de dificuldade baixa. Assim, foram desenvolvendo as suas capacidades na modalidade, em que o grau de dificuldade ia aumentando.

Nos treinos da modalidade fomos encontrando obstáculos, como por exemplo o clima atmosférico, principalmente nos dias de chuva. O que acontecia nestes dias, era que os alunos normalmente não queriam realizar o treino à chuva, por isso, a forma que o professor encontrou de ultrapassar este problema, foi instalar nos computadores da sala do grupo de educação física, jogos didáticos sobre a modalidade de orientação, onde os alunos tinham a oportunidade de realizarem alguns exercícios e assim desenvolviam os conhecimentos específicos da modalidade, principalmente a interpretação dos mapas e a sinalização específica.

Ao longo do ano tivemos três provas oficiais, na qual apenas tive presente numa delas que foi na Povia do Lanhoso, no dia 12 de janeiro. Foi a minha primeira participação numa prova de orientação, por isso, estava ansioso por participar numa prova deste género. A participação neste evento permitiu-me de uma certa forma vivenciar todos os procedimentos importantes para um bom funcionamento de uma prova de orientação. Este dia foi importante para mim, de forma a verificar todos os procedimentos de uma prova oficial de orientação.

A minha participação no desporto escolar contribuiu bastante para a minha evolução como futuro professor, principalmente no conhecimento da realidade existente no desporto escolar.

4.2.4.2 - *Goalbool*

No dia 16 de fevereiro, existiu na ESJA uma prova de *goalbool*, e como tal fiz questão de estar presente e ajudar o professor responsável por esta modalidade em montar o campo antes da prova, e durante a prova também fui útil e tive na mesa de jogo, tendo como tarefa, apontar os pontos das equipas e cronometrar o tempo de jogo.

Era uma modalidade em que tive contato apenas na faculdade numa das cadeiras que frequentei. Por isso aproveitei esta oportunidade para estar presente e colaborar de forma a contribuir para o sucesso da prova que tinha como responsabilidade organizativa a nossa escola. Sem dúvida que foi uma manhã muito enriquecedor, para a minha formação como futuro professor de educação física.

4.2.5 Feira da Primavera

Esta Feira da Primavera destinava-se a toda a comunidade. A escola com esta iniciativa pretende angariar dinheiro para equipar as suas instalações, como também para ajudar alunos que necessitem de um apoio em materiais escolares e alimentação.

Esta feira era praticamente organizada pelos alunos e os seus respetivos diretores de turma que, em conjunto, estes intervenientes tinham no

dia da feira vender algo de modo a angariar dinheiro. A feira iniciou-se ao fim da tarde e durou até à noite. Para além das tradicionais barraquinhas, existiu animação para animar os convidados. Ao longo do dia existiu uma demonstração da equipa do desporto escolar da modalidade de patinagem. Esteve também presente a tuna feminina da escola superior de educação do porto com uma breve atuação. Para além, de outros convidados de diversas áreas, como por exemplo uma escola de capoeira.

A minha participação nesta feira foi ativa, ajudando na montagem da barraquinha da minha turma. Durante a feira ia passando pelas diversas barraquinhas e observando e colaborando na compra de alguns dos seus produtos. É de realçar que a maioria destas barraquinhas vendiam comida como cachorros, bolos, e outros bens alimentares, no entanto, existiam outras que vendiam flores e roupa.

Ao longo da feira tive alguns momentos de proximidade com os meus alunos, falando descontraidamente com os mesmos, aproveitando para me aproximar um pouco mais deles e tentar conhecê-los um pouco melhor.

4.2.6 Futsal Feminino

Esta atividade apenas foi desenvolvida por nós, estagiários, na qual ao longo dos três períodos proporcionamos a oportunidade a todas as alunas interessadas de praticar a modalidade de futsal.

A atividade surge devido ao fato de umas alunas, se demonstraram desagradas com a situação de não existir uma equipa de futsal feminino. O nosso conhecimento sobre esta causa surge por parte de uma aluna em questionar um dos meus colegas de estágio, porque não existia também uma equipa de futebol feminina no desporto escolar.

Perante esta situação eu e os meus colegas de estágio, refletimos na questão e decidimos iniciar a atividade de futsal feminino. Por isso, colocámo-nos a disposição para iniciar uma atividade com todas as alunas interessadas e que gostassem de desporto. Começamos, por consultar as alunas interessadas na atividade, e entre nós decidimos, qual seria o melhor dia e a melhor hora para realizar o treino, o sugerido por elas era que as terças-feiras era o único

dia em que todas tinham disponibilidade. Posto isto, começamos por aceitar este desafio a que nos propusemos, e iniciar esta atividade ao longo do ano. Inicialmente tínhamos como objetivos principais marcar jogos contra outras escolas, ou então equipas de futebol da região.

Depois de tudo iniciado e tratado com as alunas, demos início aos treinos em que, nos primeiros treinos tentamos diagnosticar as qualidades e dificuldades na modalidade, para além do interesse das alunas praticarem este desporto.

Ao final de algumas semanas de treino, deparámo-nos com o facto de que as alunas o que gostavam mesmo de fazer era jogo propriamente dito, visto que não aceitavam de grande agrado quando proponhamos um determinado exercício com objetivos, o que elas pretendiam e referiam é que queriam era jogar umas contra as outras, sendo assim tentámos ir ao encontro daquilo que elas pretendiam.

A partir de uma determinada altura, dividimos o grupo, de modo, a que em todos os treinos existisse uma competição entre elas, e assim conseguimos criar um ambiente mais entusiasta e motivante para todas as jogadoras.

O que fizemos, foi formar duas equipas dentro do grupo, e cada equipa tinha sempre o mesmo treinador nos treinos. No final de cada treino existia o momento alto que era um jogo contra a outra equipa. Com isto, conseguimos criar um grande ambiente em todos os treinos, era notório no final de cada treino a satisfação de cada aluna.

Na minha opinião um dos aspetos mais negativos foi não termos conseguido, arranjar outras equipas para realizarmos jogos amigáveis. No entanto, para contrariar isto, decidimos que no dia da feira da primavera, 10 de maio, realizaríamos um jogo, em que toda a comunidade escolar pudesse assistir, visto que este dia era um dia de festa. Deste modo nesse dia realizamos durante a tarde um jogo entre as nossas jogadoras, de modo a finalizar a atividade.

4.2.7 Jogos Tradicionais

A realização desta atividade surge no âmbito de promover e incentivar a prática dos jogos tradicionais, e assim valorizar os saberes e tradições da região.

O grupo de educação física organizou esta atividade, destinada ao 3º ciclo, mantendo a tradição dos últimos anos na organização desta atividade e proporcionar aos alunos atividades diferentes e culturais.

Cada professor ficou responsável por nomear dentro de cada turma, uma equipa feminino e outra masculina. Devido a isto esperava-se que a prova contivesse na sua realização cerca de 10 equipas de cada sexo.

Os jogos escolhidos para realizar nesta atividade foram: jogo das latas, jogo dos sacos, jogos de ski, jogo da patela e jogo da corda.

A minha participação foi mais ativa no dia da atividade, visto que juntamente com os outros professores preparamos todos os jogos antes que os alunos chegassem, de modo a que a atividade tivesse início à hora marcada, por isso disponibilizei-me a ir mais cedo para a escola e ajudar na organização dos jogos.

Durante a atividade a minha participação foi bastante ativa pois inicialmente estava responsável pelo jogo das colheres, depois de este jogo terminar fiquei responsável por um outro jogo, o de *ski*. Neste jogo tinha de retirar o tempo de umas das equipas, isto é, ficava responsável por cronometrar o tempo de uma equipa e a anotava, para depois verificar qual das equipas conseguia o melhor tempo, para se determinar uma equipa vencedora.

Para obter sucesso numa prova deste nível em que agrega um número elevado de equipas, consoante o espaço disponível para tal, pavilhão, e também os escasso materiais existente para a sua realização. Portanto, de modo a contornar estes obstáculos a organização da prova foi bem pensada e estruturada visto que primeiro realizaram-se todas as provas para os alunos do 7ºanos de escolaridade e depois para os 8ºanos e por fim para os 9ºanos de escolaridade. Na minha opinião foi uma boa estratégia de organização, portanto a prova foi bem sucedida e não se verificou qualquer tipo de desorganização.

Um aspeto que considero como sendo o mais negativo da atividade foi a falta de festividade, que foi inexistente por parte dos organizadores, porque seria muito mais agradável se os professores colocassem um retroprojetor com o quadro competitivo das equipas, em que os participantes ao longo das provas pudessem consultar a sua classificação e assim criar um ambiente ainda mais competitivo entre todos os participantes. E ainda, por exemplo, projetar no pavilhão as histórias e origens de todos os jogos realizados, de modo a que os alunos ficassem com um conhecimento mais aprofundado dos mesmos.

Também um aspeto negativo foi no final da atividade não serem atribuídos prémios aos vencedores. Na minha opinião este momento de atribuição de prémios é fundamental em qualquer evento desportivo de forma a valorizar a participação e a dedicação que os alunos demonstraram em tentar vencer as provas.

4.2.8 Visita de estudo – “DiverLanhoso”

No dia 13 de junho, a convite da Professora de Educação Moral da escola, acompanhei a minha turma ao parque aventura, DiverLanhoso. A visitita de estudo foi mais um momento de relação de proximidade com a minha turma, desde logo, não podia recusar o convite.

Ao longo da visita de estudo procurei andar próximo dos meus alunos de modo a conviver um pouco mais com eles. Sendo assim logo pela manhã tivemos de dividir os alunos da nossa escola em dois grupos, sendo que estes a partir de aqui foram realizando provas diferentes, portanto os professores tiveram de se dividir e como tal, eu fiquei com o grupo em que a minha turma estava incluída, participando também com eles nas atividades radicais. Principalmente nas pontes e slide. Na parte de tarde os alunos tiveram a possibilidade de apanhar sol e usufruir da piscina.

Certamente que este dia foi marcante para os alunos, e que eles nunca mais se esquecerão. Momentos de satisfação e alegria são sempre lembrados, e portanto depois de um dia passado neste parque de diversão os alunos, nunca mais se esquecerão e eu tenho a certeza que como professor e acompanhante deste grupo de alunos, nunca mais me esquecerei, das

conversas que tive com eles e das brincadeiras que participamos juntos, sem dúvida que ficará registado na minha memória a minha primeira turma. Este foi um momento de proximidade com a minha turma, apenas peço por ter sido no final do ano. Pois se fosse realizado a meio do ano certamente ia ser importante para o professor rapidamente conquistar uma autoridade aceite.

4.2.9 Torneio do final do Ano

No dia 14 de junho estava destinado para o encerramento do ano letivo. Por isso, a escola tinha como atividades para os alunos dois torneios desportivos sendo estes de voleibol e basquetebol para os 10º e 7º anos, respetivamente.

Como já tem sido normal nestes eventos, participei de forma ativa. O dia começou bem cedo e logo desde que cheguei a escola juntamente com os outros professores começamos por realizar o sorteio para a organização do torneio. Na minha opinião este sorteio já devia estar pronto, para evitar todo o tempo que perdemos numa fase inicial, mas no entanto tudo se organizou rapidamente. Juntamente com os meus colegas de estágio fomos colocando a rede onde fosse possível realizarem-se os jogos de voleibol, mas no entanto acabamos por ficar responsáveis pelo torneio de basquetebol, onde este se realizava no campo sintético. A minha tarefa com maior importância para além da organização foi também desempenhar o papel de árbitro.

Esta atividade foi a última atividade desportiva elaborada pelo grupo de educação física do presente ano e em relação às anteriores atividades organizadas, nesta atividade os professores já deram mais importância ao momento de entrega de prémios e aos alunos vencedores, isto é, nos dois eventos existia medalhas até ao 3º classificado, na qual foi também um momento marcante, visto que as medalhas foram entregues por um elemento da direção da escola.

Contudo, foi uma manhã bastante animada para todos os participantes em que tiveram mais uma oportunidade de realizarem desporto e divertirem-se com os seus amigos.

4.3 ÁREA 4 – “DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL”

Ao longo destes anos adquiri conhecimentos sobre o modo como desempenhar a profissão de docente, sendo uma profissão que possui uma elevada responsabilidade na sociedade. Esta é uma profissão em que o docente deve procurar uma autoformação, de modo a preparar-se para as constantes mudanças que ocorrem nesta área.

Chegou o momento apropriado para o desenvolvimento das competências profissionais. Eu pretendia alcançar estas competências, apostando para isso na formação contínua, por isso, foi necessário atualizar os meus conhecimentos pedagógicos, conceptuais e melhorar as competências técnicas relacionadas com a condução e organização do processo ensino-aprendizagem.

Este ano, foi um passo essencial pois existiu uma passagem por diversas situações na qual tive de pôr em prática todos os conhecimentos conseguidos e outros, que ao longo deste ano fui descobrindo e vivenciando. Considero que a minha maneira de encarar a vida, é envolver-me nas coisas, por isso, todos os desafios ao longo deste caminho foram vivenciados de forma a aproveitar ao máximo as coisas boas e aprender com as coisas más.

Devido a isso, envolvi-me em todos os acontecimentos ocorridos na escola, com o objetivo de desenvolver as minhas competências como futuro profissional e para isto foi fundamental o meu envolvimento. Neste sentido, procurei adotar uma postura reflexiva, registando todo o trabalho desenvolvido por mim no diário de bordo. O processo de reflexão era sempre registado no diário de bordo e como tal pretendia acompanhar o meu desenvolvimento sobre as minhas reflexões efetuadas bem como a minha evolução, no sentido de conseguir criar condições mais favoráveis quando existisse algo de errado e de modo a melhorar a aprendizagem dos alunos. Ao longo do estágio a importância da reflexão e da autocritica relevou-se de grande utilidade para o meu crescimento e atualização constante de conhecimentos em diferentes domínios. Segundo Zeichner (1993) ser reflexivo é uma maneira de ser professor.

Um outro momento de enorme importância para o meu desenvolvimento profissional, foi o acompanhamento e cumplicidade para com os meus colegas de estágio, pois com estes foi-me possível apreender diversos conhecimentos através de diálogos e discussões. Foram momentos enriquecedores na qual partilhávamos e refletíamos sobre determinados assuntos, desta forma ajudávamos uns aos outros, sempre suportados com as sugestões do professor cooperante.

Para além disto, pretendia melhorar a minha prática de ensino por isso no meu estudo apliquei diferentes estratégias relacionadas com a organização das atividades dos alunos, de modo a verificar qual delas proporcionava um melhor controlo da turma. Com este estudo de investigação-ação, pretendia melhorar o bom funcionamento das aulas de modo a oferecer aos alunos uma aprendizagem em condições favoráveis. Para isso, foi meu objetivo conhecer melhor a minha turma para assim verificar qual o tipo de organização que se adaptava melhor, promover um bom clima de aprendizagem e um bom controlo da turma. Deste modo, sentia a necessidade de fazer algo, por isso, e depois de refletir tentei arranjar estratégias de modo a solucionar um dos obstáculos que encontrei no meu caminho. Para a realização deste estudo foi importante as sugestões dos meus colegas de estágio bem como as do professor cooperante e orientador.

Este foi um dado importante no meu crescimento pelo facto de ter um papel ativo, demonstrando ser capaz de me adaptar e pôr em prática todas as capacidades e competências, pois era o momento de expor todos os conhecimentos de modo a incrementar o meu desenvolvimento profissional.

É de referir que o meu desenvolvimento profissional não foi apenas enriquecido em momentos formais, pelo contrário, as conversas informais que tinha com o professor orientador e com o professor cooperante foram momentos extremamente importantes na minha evolução neste ano de estágio e essencial para o meu crescimento. Em todos os momentos os professores transmitiam conhecimentos e experiências discutidas por nós, isso obrigou-me a pensar e a refletir varias vezes em determinados assuntos relacionados com

a prática de ensino e, portanto, estas reflexões ajudaram-me a evoluir como professor.

Terminando esta etapa da minha formação inicial, considero que foi apenas o início de uma grande caminhada, portanto, procurarei adquirir ainda mais conhecimentos e experiências que farão de mim um professor ainda melhor.

5. CONCLUSÃO

5. CONCLUSÃO

O estágio é o fim de um ciclo, é um ano onde temos a oportunidade de vivenciar na prática todos os conhecimentos teóricos e fazer a sua transferência para a realidade. Depois de concluir esta etapa, fica para trás uma satisfação de que todo o caminho percorrido fez sentido, o que à uns anos parecia ser singular e insignificante, agora faz sentido.

Foi um ano em que ao início tudo era estranho. Sendo ao mesmo tempo professor estagiário e aluno, fazia-me alguma confusão esta minha nova etapa. O EP foi um ano rico em experiências e momentos vividos, sem esta oportunidade de o realizar ficaria sem dúvida menos capacitado em desenvolver a profissão docente, por isso guardarei todos os momentos marcantes, repletos de emoções, onde consegui alcançar mais uma etapa ultrapassando todos os obstáculos que encontrei neste percurso.

Fazendo uma análise ao EP, começo por referir o meu primeiro obstáculo que foi em controlar a turma, relembro que não foi uma tarefa fácil mas de grande esforço e sacrifício da minha parte. Aqui começavam a surgir as primeiras dificuldades em encontrar as estratégias para resolver este problema. Não as encontrei no tempo que esperava, mas ao longo do ano, como resultado das reflexões justificadas, fui superando e encontrando o rumo ideal para encontrar um bom processo de ensino aprendizagem. Isto proporcionou ganhos significativos na minha formação. Considero que os erros fizeram parte do meu crescimento, fazendo com que refletisse sobre eles, de modo a encontrar em cada situação a melhor forma de atuar.

Encarei o EP com grande seriedade. Sendo este um espaço fundamental para o desenvolvimento de potencialidades e capacidades como a adaptação às situações adversas e a comunicação e organização da turma, o vivenciar, criar estratégias e sobrepor todos os obstáculos foram cruciais para cultivar em mim “raízes” que serão essenciais para o meu futuro.

Concluída esta etapa da minha formação, não significa que devo ficar por aqui, aliás, este foi apenas o início da minha formação como docente desta profissão, indo ao encontro das palavras de Costa (2002, p.105) “a aprendizagem da profissão docente não termina coma frequência de um curso

de formação inicial, é algo que o professor realiza e constrói durante a vida”. Convictamente, espero um dia ter a oportunidade de exercer a minha função como docente, de forma a desenvolver ainda mais as minhas capacidades, no entanto, tenho a perfeita consciência que será uma tarefa difícil de conseguir, mas não irei desistir. Assumo procurar todos os dias uma oportunidade para desempenhar a minha profissão e dar continuidade à minha aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento, J. (1987). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte, Lisboa.

Bento, J. O. (2003). Planeamento e avaliação em educação física (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Costa, F. C. (2002) Formação de Professores: Perfil e Competências do Professor de Educação Física In Projeto Prata da Casa (Ed.) Cultura e Contemporaneidade na Educação Física e Desporto. Universidade Federal do Maranhão: 9º congresso de Educação Física e Desporto dos Países de Língua Portuguesa, São Luís, 2002, pp. 102 -105

Estrela, M. T. (1994). Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. Portugal: Porto.

Garganta, J. (1998). O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. *Revista Movimento*. 8, 19-27.

Graça, A. & Mesquita, I. (2009) Pedagogia do desporto: modelos instrucionais no ensino desportivo. Lisboa. Edições FMH.

Januário, C. (1996) Do pensamento do Professor à sala de aula. Coimbra: Edições Almedina.

Matos, Z. (2012a). Normas orientadoras do Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Documento não publicado. FADEUP.

Matos, Z. (2012b). Regulamento da Unidade Curricular Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino de Educação Física

nos Ensinos Básicos e Secundário da FADEUP. Documento não publicado. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Mesquita, I. & Rosado, A. (2009). *Pedagogia do Desporto*. Faculdade de Motricidade Humana. Edições FMH.

Mesquita, Sobrinho, Rosado, Pereira (2008). A systematic observation of youth volleyball coaches behaviours. *International Journal of Applied Sport Sciences*.

Onofre, M (1996). Prioridades da Formação Didática em Educação Física. In *Boletim SPEF*. Lisboa: sociedade Portuguesa de Educação Física, 12, 75-97

Pieron, M. (1992). *Pedagogie des Activités Physiques et des Sport*, ed. Revue EPS, Paris.

Piéron, M. (1996). Formação de Professores Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

Quina, J. (2009). A organização do processo de ensino em Educação Física. Edição do Instituto Politécnico de Bragança. Bragança

Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mayfield Publishing Company, Montrain

Siedentop, D. (1991). *Developing teaching skills in physical education*: Mountain View : Mayfield. 1991.

Vickers, J. (1990): *Institutional design for teaching Physical Education*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Zeichner, K. M. (1993) *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa